

AALO

ano III . # 14



J. CARINO

ROD SPARK

BENY ALONSO

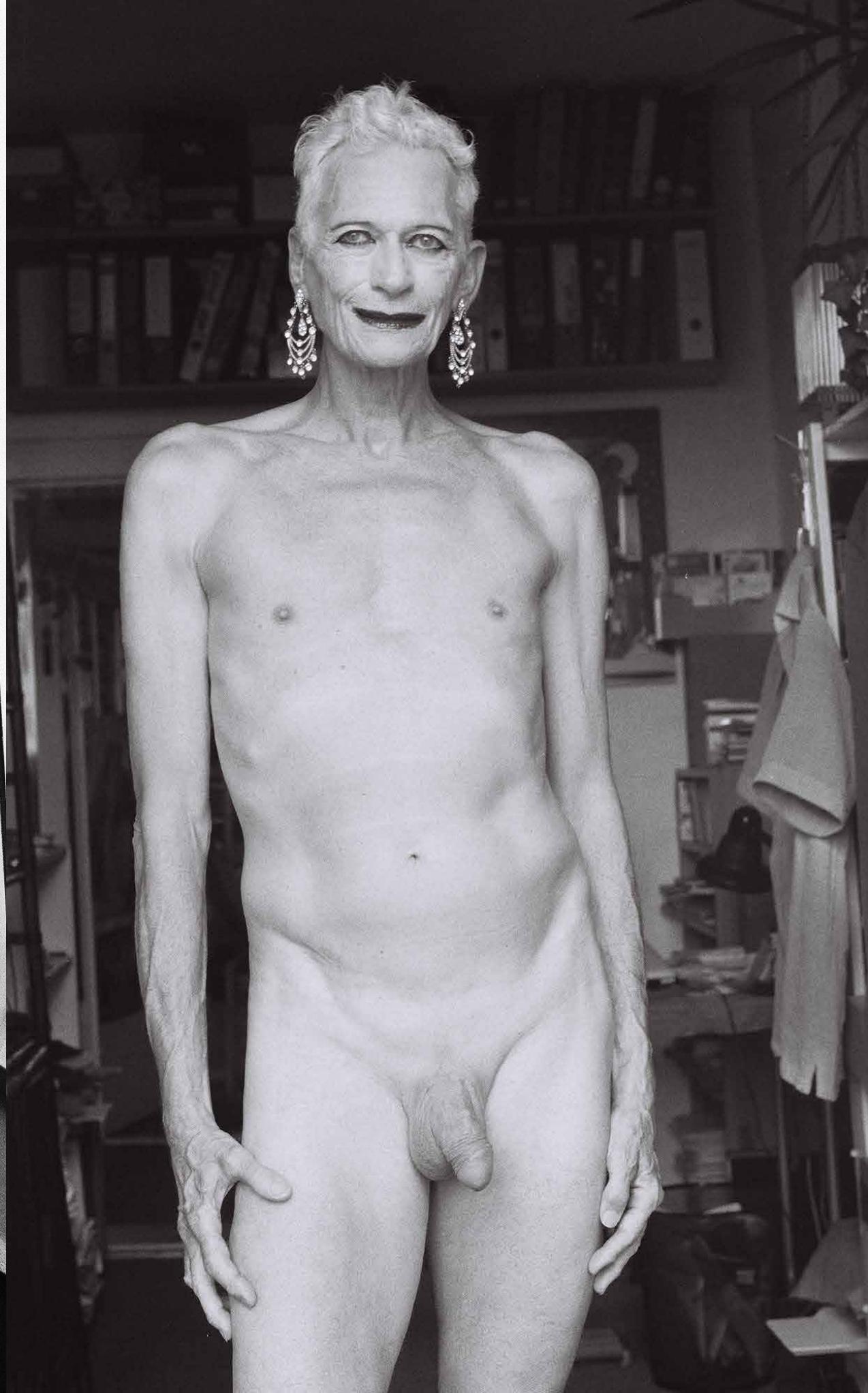
TOM OF FINLAND

EUNUCO

Formado em Filosofia na UERJ, o fotógrafo carioca **Rafael Medina** estudou Artes Visuais no Parque Lage antes de se mudar para a Alemanha. Ainda no Brasil foi um dos criadores do projeto *FLSH*, que conta, entre outras coisas, com uma revista online, com artigos e ensaios fotográficos sobre sexualidade e *body positivity*, assim como também com uma festa focada em nudez e na (des)moralização do sexo.

Há três anos em Berlim, Rafael documenta a cultura Club e LGBTQ da cidade e realiza exposições como, por exemplo, a *DISCOstruction*, em fevereiro deste ano. Em 2017 fez sua primeira solo com o projeto ***Skin Deep: +60*** (fotos nas folhas de guarda) na galeria Instinct Berlin, onde foi residente desenvolvendo o projeto de mesmo nome.

Para este projeto, o fotógrafo retratou nove homens gays cis nus, moradores de Berlim e com mais de 60 anos de idade. A série de fotos em preto e branco de 35 mm e o documentário curta foram uma pesquisa visual sobre a sexualidade desses homens e a relação que eles estabelecem com seus próprios corpos para desafiar o preconceito contra o envelhecimento e dar uma nova perspectiva sobre o assunto.



edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme
Correa e Rígle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: *Novos começos*, guache e carvão sobre papel de
J. Carino, 2020.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta
revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação
ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a
comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos
verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Nota do editor sobre nudez:

Por favor, entenda que esta publicação é sobre a
representação da masculinidade na Arte. Há, portanto,
imagens de nus masculinos, incluindo imagens de
genitália masculina. Consulte com precaução caso
sinta-se ofendido.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que
possuem direitos autorais de seu próprio trabalho.
Todos os direitos estão reservados e, portanto,
nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por
escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas
nesta publicação tenham sido fornecidas pelos
criadores com permissão de direitos autorais ou
sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no
protocolo de “uso justo” compartilhado pela internet
(imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador,
sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um
artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos
autorais violados, entre em contato através do e-mail
falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma
possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja
como artista, modelo ou jornalista, entre em contato
através do e-mail falonart@gmail.com.



Editorial

Em um mundo de 140 caracteres,
check azul automático do
WhatsApp e postagens de 24
horas que duram menos ainda
na relevância, estamos mal
acostumados a resultados imediatos. Isso
torna quase intolerável saber que a ciência
demora anos para desenvolver uma vacina
e que – mesmo cortando protocolos de
segurança em meses – ainda ficaremos
isolados por um bom tempo. E, como não
podia ser diferente, dessa vez a quarentena
atingiu forte a *Falo*.

Uma pessoa só fazendo tudo já é complicado.
Uma pessoa só fazendo tudo no meio
desse caos é inacreditável. Uma pessoa
só fazendo tudo que ainda é professor de
escola e trabalha de 10 a 12 horas na frente
do computador... bom... aí é impossível. Mas
tem aquela frase... “Mesmo sabendo que era
impossível, foi lá e fez.” Portanto, aqui vocês
tem a nova edição da *Falo* bem subversiva com
MUITO texto para os que detestam ler numa
tentativa sísifa de levar conhecimento adiante.

A subversão está na seção *Falo de História*.
Explicando: 2020 é o centenário de Tom of
Finland. As comemorações começaram em
maio e desde dezembro do ano passado eu
programei a publicação de uma homenagem a
ele também em maio. Porém... a *Tom of Finland
Foundation* NÃO liberou o uso de imagens,
mesmo daquelas soltas pela internet. Fiquei
triste e abandonei a ideia... por um tempo.
Porque resolvi ligar o foda-se e encarar essa.
Comprei a coletânea da Taschen (leia a seção
Bibliófalo) e achei uma galeria estrangeira com
obras do artista. Pronto: me processem.

Acabo também me tornando ainda mais
subversivo quando mantenho uma revista
de nudez masculina na Arte em um país que
está tentando aprovar uma lei para proibir
nudez e religião em exposições. Ou tenho que
enfrentar a constante censura das redes sociais
por todo o mundo. E isso gerou duas coisas
ótimas: um reencontro virtual com o artista
Mateus Capelo, que pediu para publicar seu
texto sobre censura na seção *Especial* (vale a
leitura, porque ele traz um ponto de vista que
– garanto! – você nunca tinha pensado) e as
folhas de guarda* com fotos de um ensaio que
Rafael Medina fez com homens mais velhos,
assunto quase proibido em nossa sociedade.

Outra dificuldade que tive foi manter a linha
editorial do ano para a junção das seções
Falorragia e *Falocampse*. A ideia de dar voz
aos invisíveis caiu em vários impasses que,
somados à falta de tempo, quase foi cancelada.
Mas não... Acabou que ficou uma matéria
GIGANTE sobre eunucos, castração e
emasculação, com direito a mitologias, países
diversos, explicações (quase) científicas e –
pasmem! – um depoimento!

Até mesmo com os artistas foi um parto...
mas, dessa vez, de maneira boa! Consegui três
artistas incríveis com tanto trabalho bom que
foi difícil escolher as imagens! A arte de
J. Carino é, pra mim, arrebatadora, de cair o
queixo; Rod faz da cor, forma, faz do corpo,
paisagem; e Beny tira o material mais simples
do lugar comum.

Com mais um *Falatório*, um *moNumento* e uma
charge de Adão Iturrusgarai, vocês tem um
edição de resistência!

Filipe Chagas, editor

Sumário

J. Carino	6
Rod Spark	28
Beny Alonso	44
FALO DE HISTÓRIA Tom of Finland	64
FALO EM FOCO	83
ESPECIAL Comemorem!	84
FALORRAGIA + FALOCAMPSE Um membro a menos	86
FALATÓRIO	104
BIBLIÓFALO Kake	106
FALO com VOCÊ	110
moNumento	113

* Folhas de Guarda servem para unir a capa dura
ao corpo do livro e também para protegê-lo.

J. Carino

por Filipe Chagas

No fim do século 19, artistas simbolistas e pós-impressionistas abriram os caminhos para uma vanguarda que mudou a Arte por completo ao expandir tanto sua percepção quanto às formas de representação pictórica. Inspirado por esse fluxo de criatividade que percorreu a história, J. Carino cresceu usando linha, cor e abstração por amor à Arte.

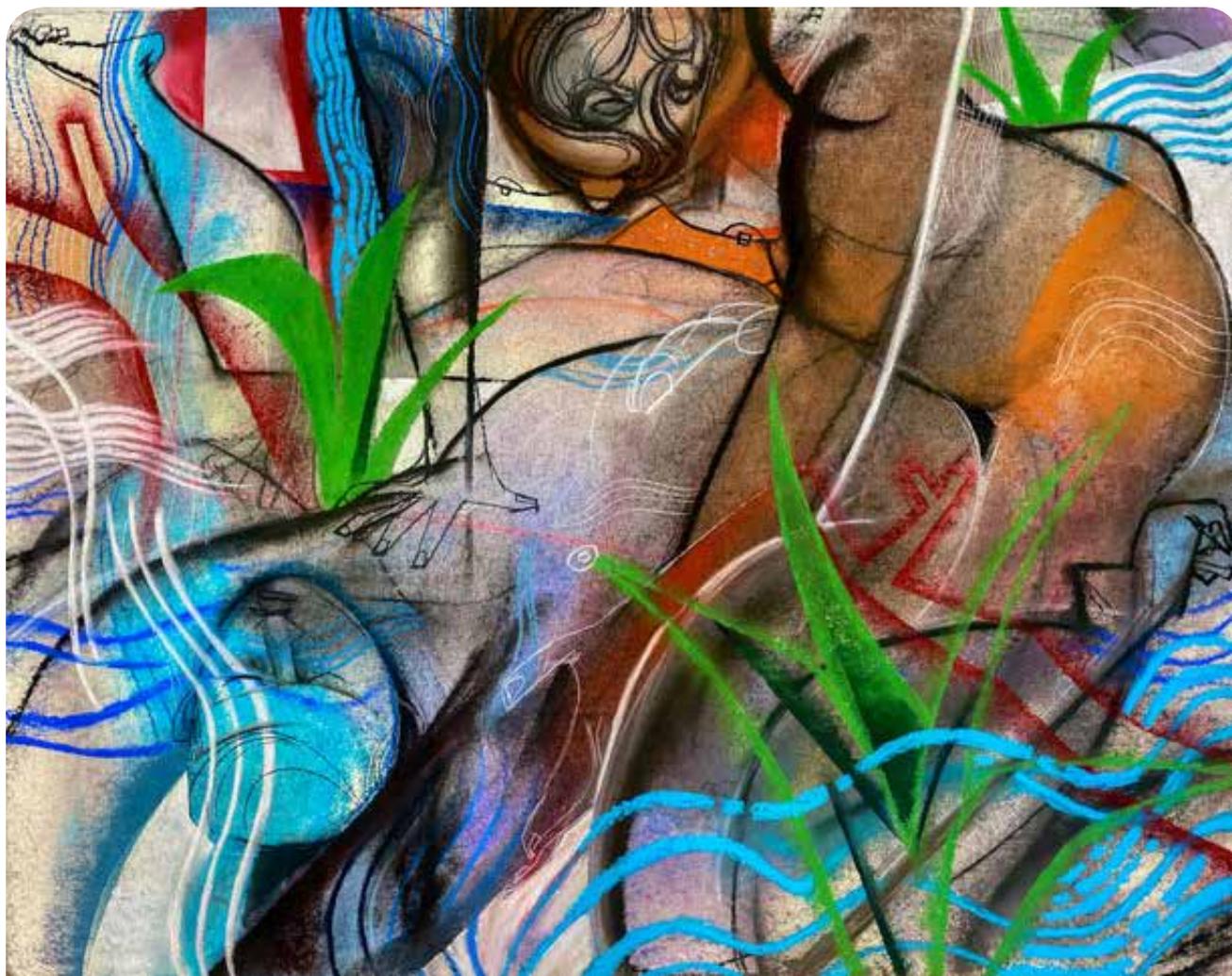
Entrou em uma faculdade de artes liberais e percebeu que poderia seguir a carreira que sempre quis se mudasse para uma formação específica em design na Parsons. Obras de Bonnard, Redon, Picasso, Bearden, Stella, Magritte, Basquiat se juntaram, então, a padrões têxteis, artes decorativas e *art déco* para mudar com frequência seu estilo em uma variedade de mídias mistas.

Gosto de brincar com distorção e abstração, perdendo e redescobrimo a figura enquanto trabalho em uma peça.

Diz que essa é sua forma espontânea de interagir e processar o mundo e seus próprios pensamentos. Seja a partir do cotidiano, uma simples paisagem, um modelo ou a sua própria imagem, esse incrível artista visual e ilustrador nova iorquino utiliza a especificidade da observação para dar vida a seus desenhos:

Há um imediatismo e um compromisso envolvido no desenho. Depois que você coloca algo no papel, ele permanece, mesmo que você o apague ou desenhe sobre ele: a história permanece, o que eu acho lindo. É um reflexo de como vivemos nossas vidas. Parte do meu trabalho é mais narrativa ou simbólica, mas eu sempre tento enraizá-lo na autenticidade e honestidade do desenho.

A inundação, pastel e carvão sobre papel, 2020.



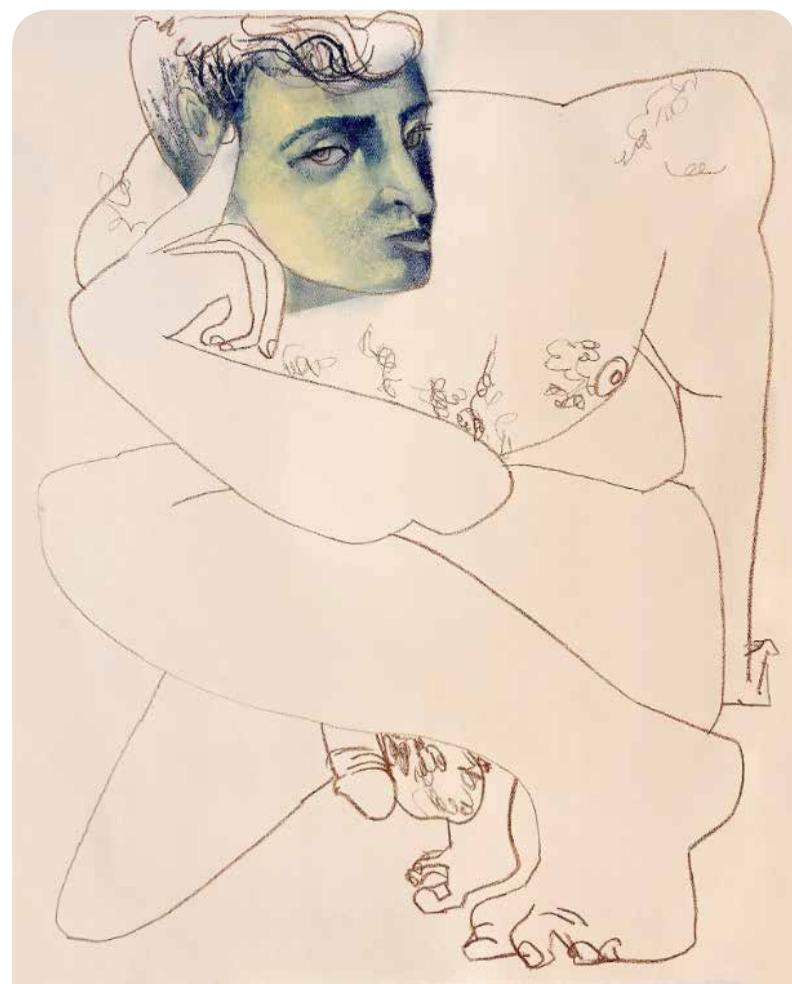
Florino, aquarela, carvão e pastel sobre papel, 2019.





Contudo, J. Carino é um pseudônimo. Seu trabalho artístico centrado na forma masculina foi um empreendimento que manteve privado e intencionalmente separado de seu premiado trabalho profissional. Para ele, isso reflete a maneira como muitos da comunidade LGBTQ+ se expressam na sociedade: uma dicotomia entre o exposto e o escondido, entre o querer ser visto como uma pessoa completa e o medo de se vulnerabilizar.

O autorretrato foi seu alívio inicial para se distanciar da prática acadêmica heteronormativa que prega a noção do nu feminino como padrão de beleza. Lidar com a sua própria nudez e, posteriormente, com a de modelos masculinos foi uma experiência nova que deu a seus desenhos tons menos rígidos e mais fluidos, sensuais. Ao tornar a forma masculina parte de seu mundo artístico, Carino passou por fases de sexualidade exagerada e também de observação não-sexual.



Acima: *Limites*, carvão e pastel sobre papel, 2020.

Ao lado: *Ignudo*, pastel a óleo e giz de cera em papel tonificado, 2020.

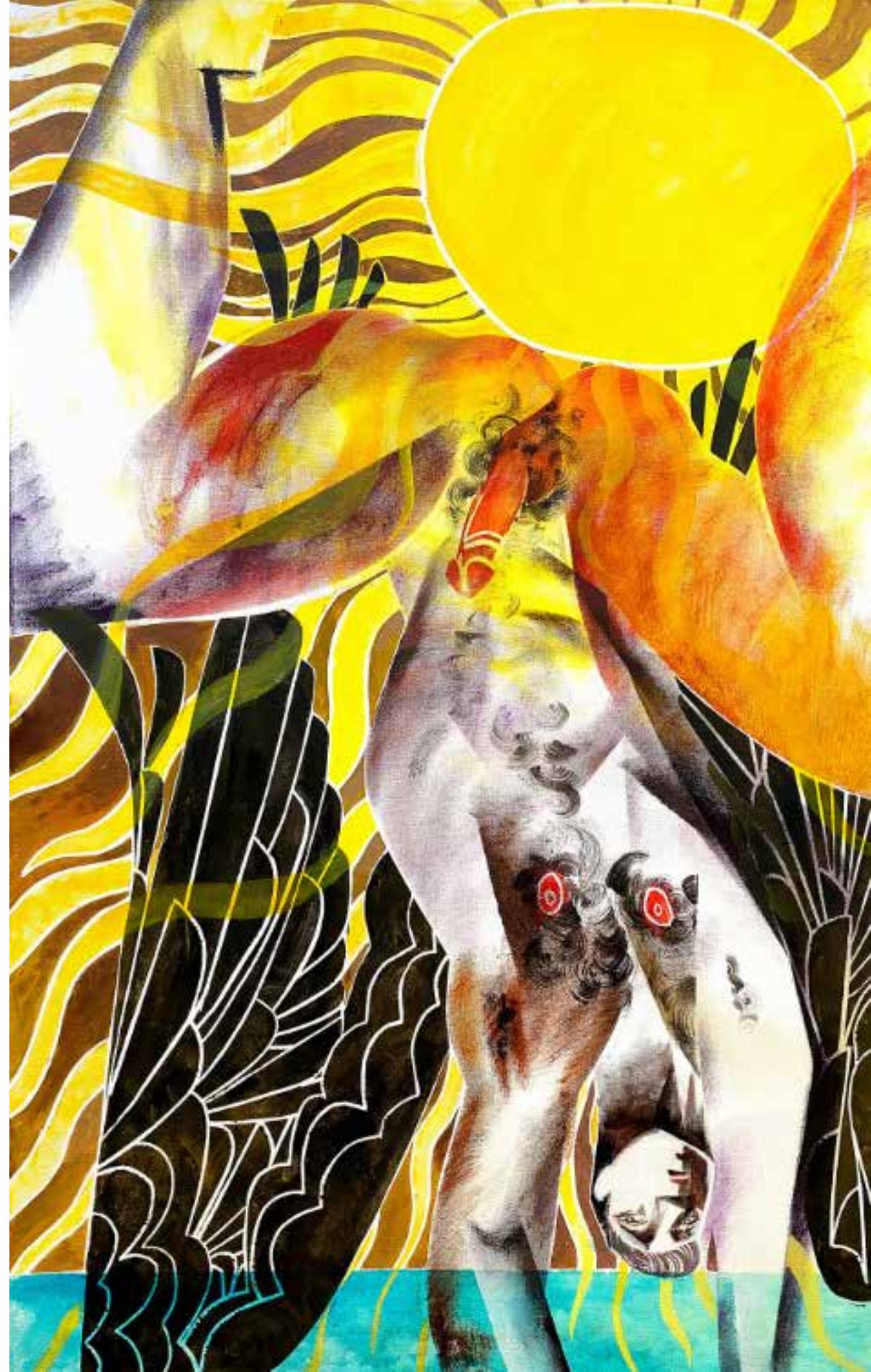


Bruno, guache sobre papel, 2020.



Encicliotoxido, aquarela, giz de cera e carvão sobre papel, 2019.

Queda, acrílica sobre tela, 2020.



À medida que seu trabalho foi evoluindo, percebeu a intensidade da reação ao retratar o pênis. Até gostava da emoção de desenhá-lo e das reações que provocava, mas aprendeu que ele se torna instantaneamente a primeira coisa vista na obra independente do que mais está acontecendo.

Há uma excitação e um tabu de ver pau na arte. Uma ereção é como um pára-raios de atenção! Hoje sou mais criterioso ao expô-los no meu trabalho, porque quero garantir que a obra como um todo esteja provocando a reação que desejo. Uso de abstração e narrativa para garantir que, embora a atenção caia inevitavelmente sobre o pau, há o suficiente para manter o resto da imagem unida.

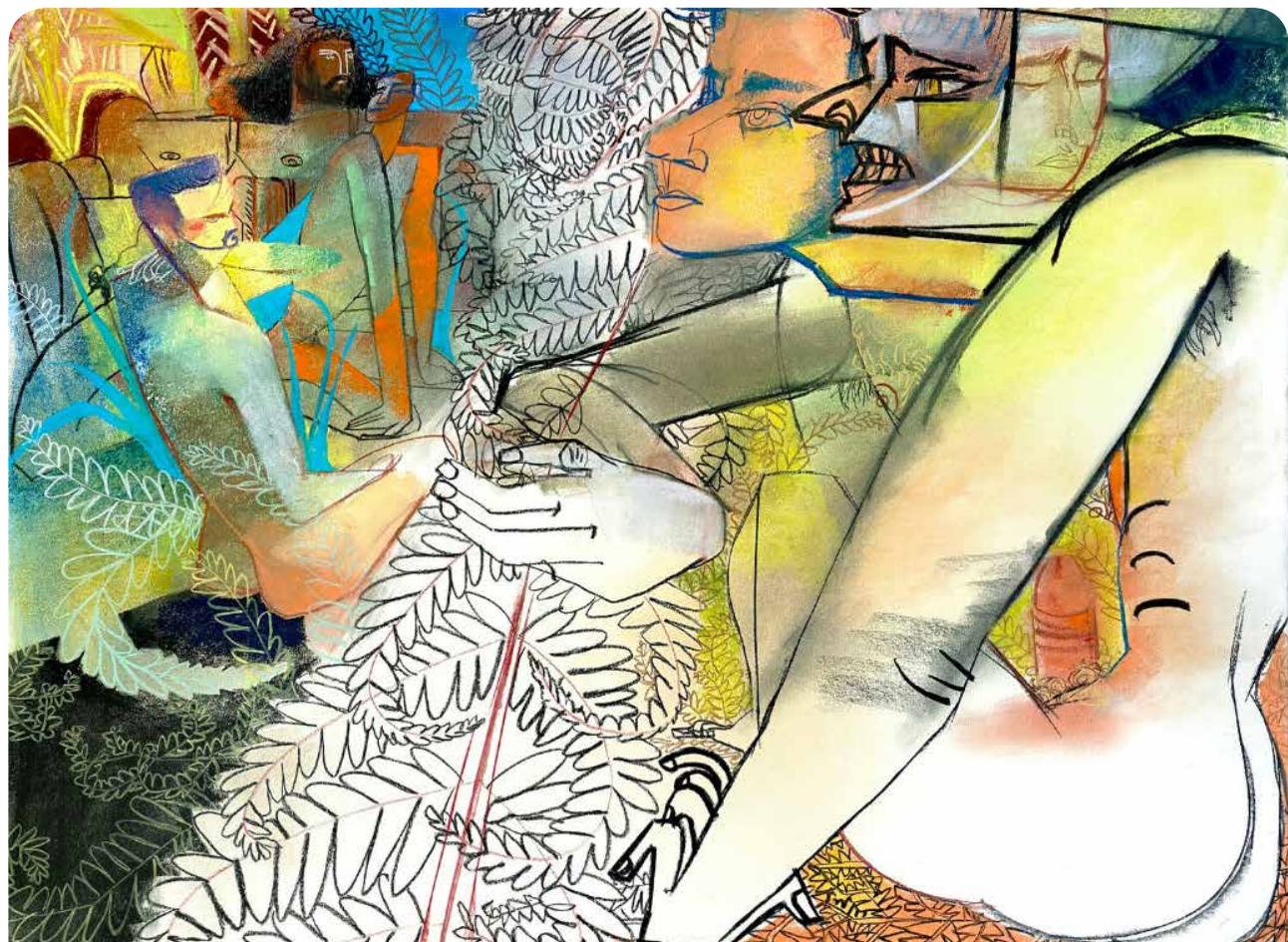
O lobo, pastel a óleo, pastel e carvão sobre papel, 2020.



Abraço, guache, pastel a óleo e giz sobre papel, 2020.

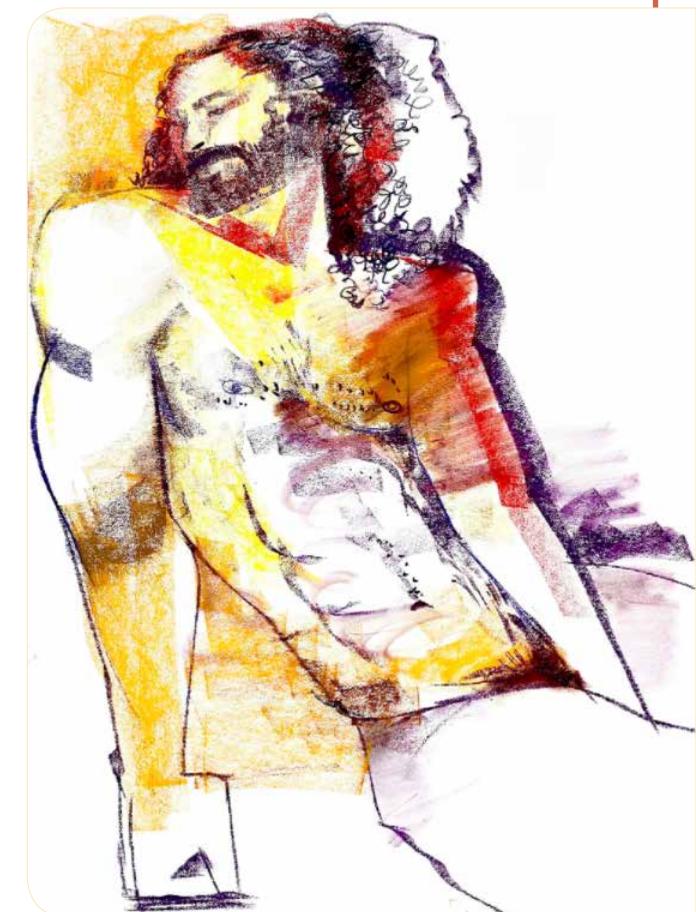
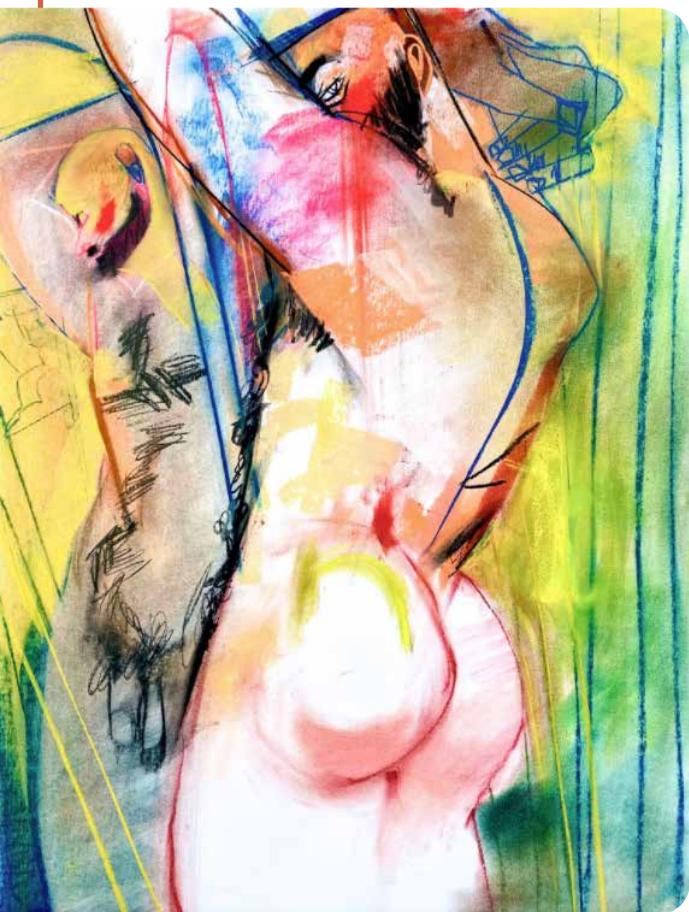
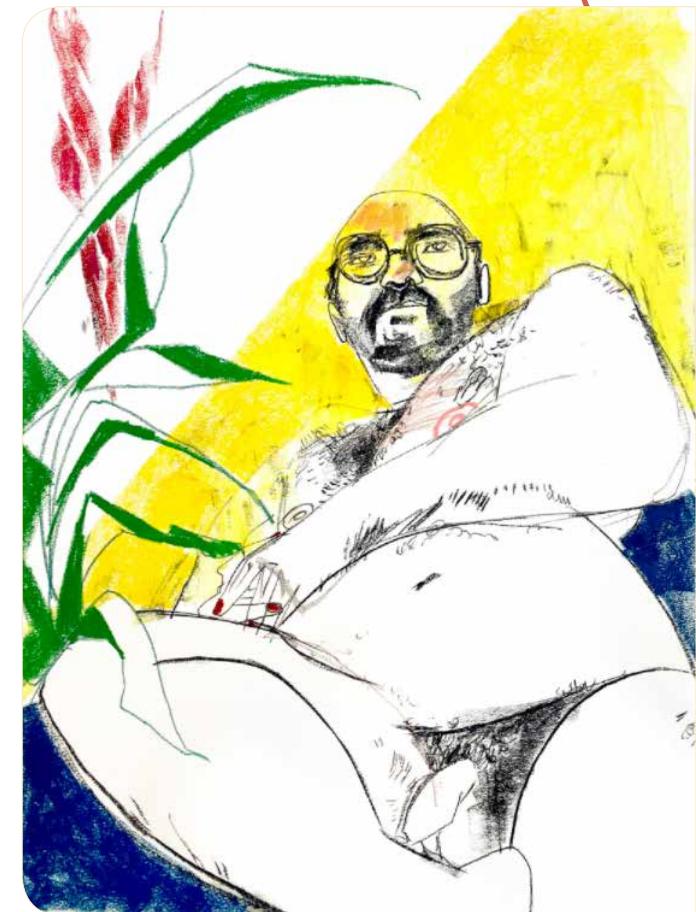
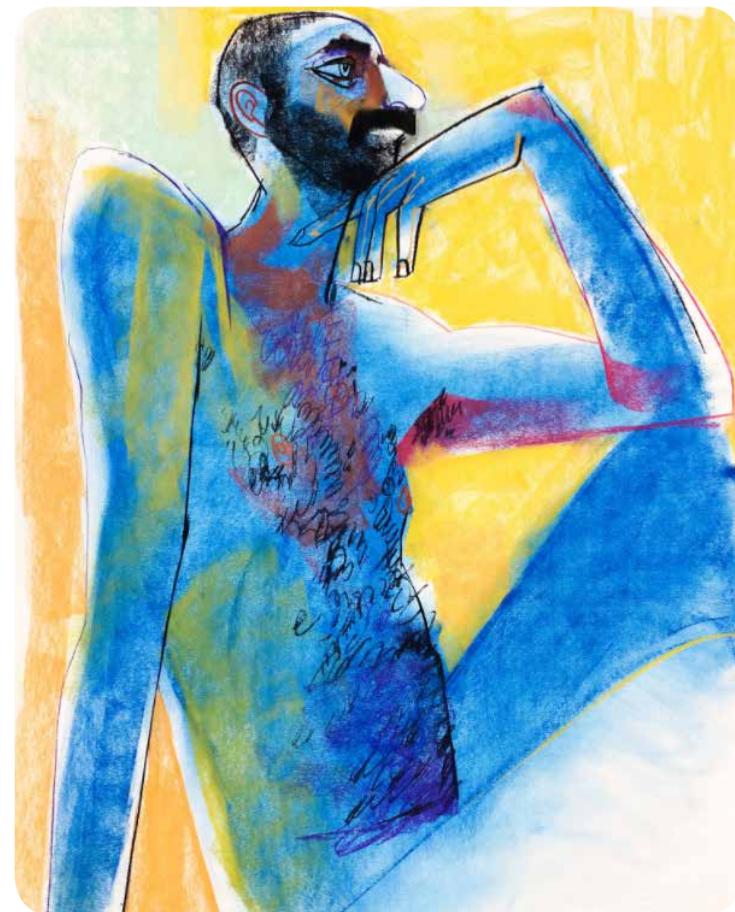


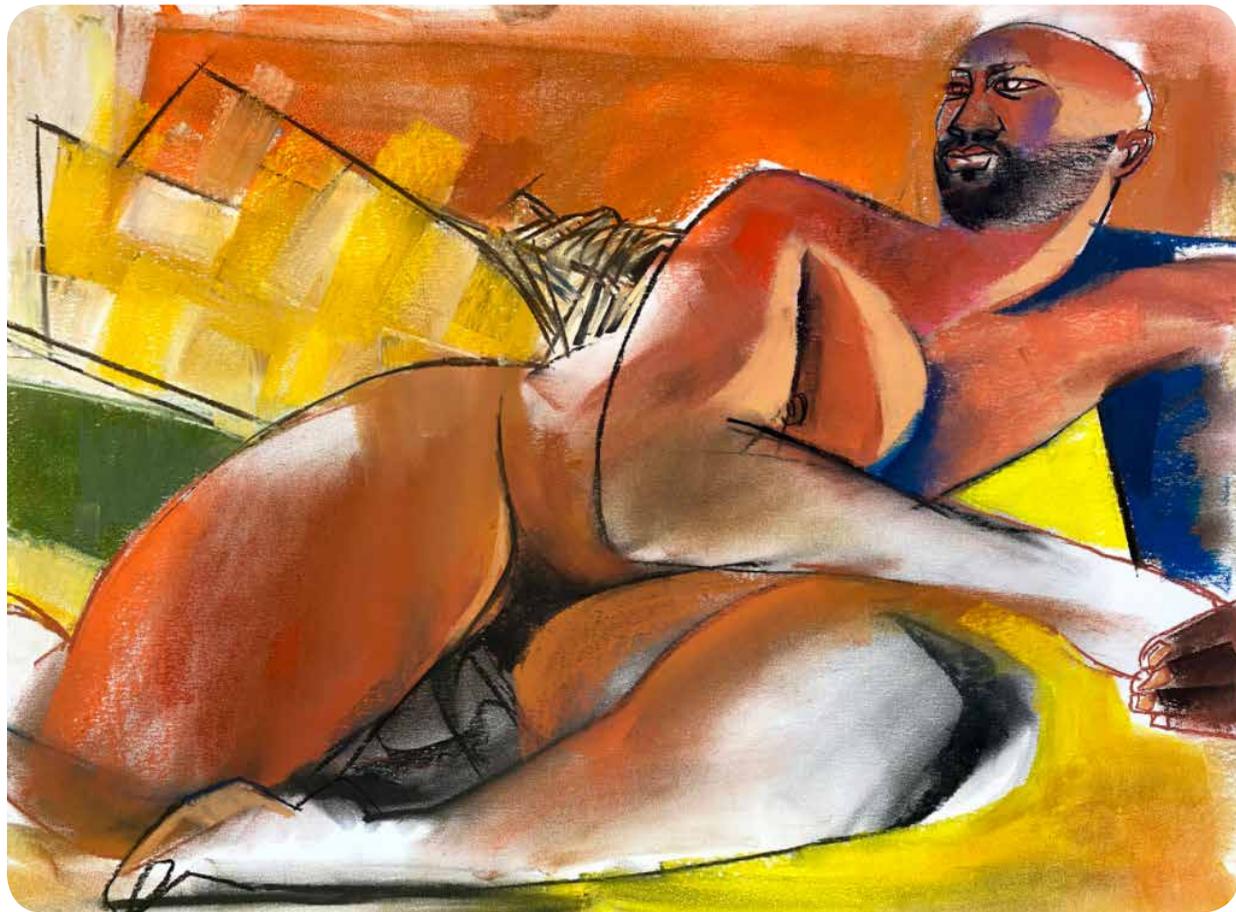
Acima: Vermelho, Branco, Azul, Dourado, pastel e carvão sobre papel, 2020.
Abaixo: Éden, pastel e carvão sobre papel, 2020.

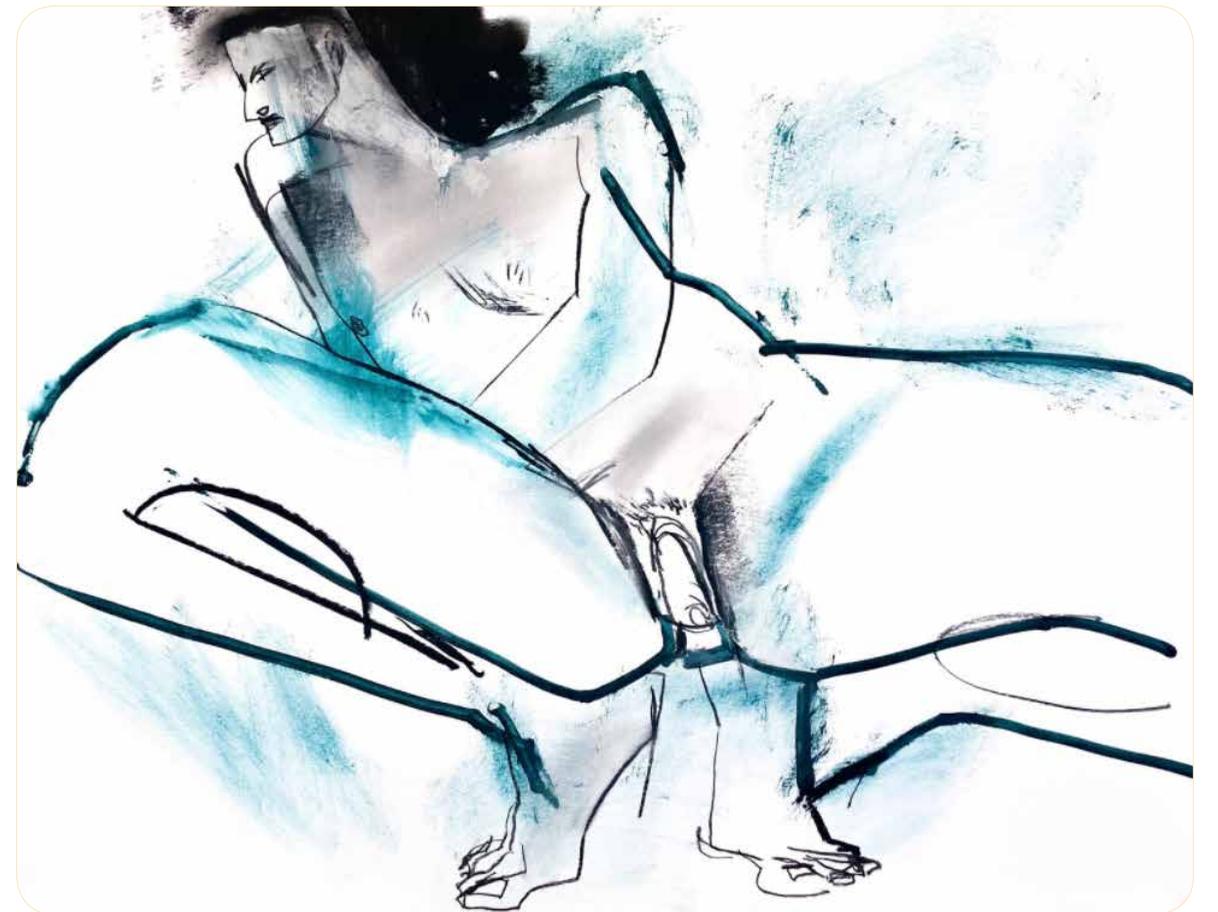


Nó, pastel e carvão sobre papel, 2020.

Desde o início do período de auto-isolamento / quarentena, tenho desenhado retratos de pessoas queer (principalmente homens) em todo o mundo através do Skype e do FaceTime. Isso oferece uma sensação de conexão e intimidade em um momento em que estamos todos separados. Os envolvidos estão em seus próprios ambientes e, como artista, estou sujeito às limitações e liberdades desse ambiente, forçado à distância achatada e cortada da cena e à perspectiva da câmera. Porém, passar por essas limitações, encontrar dimensão, cor, espaço e energia pessoal torna-se um desafio único e específico para cada sessão de desenho. É um processo de abertura e expansão, enquanto estamos sujeitos à claustrofobia do auto-isolamento.

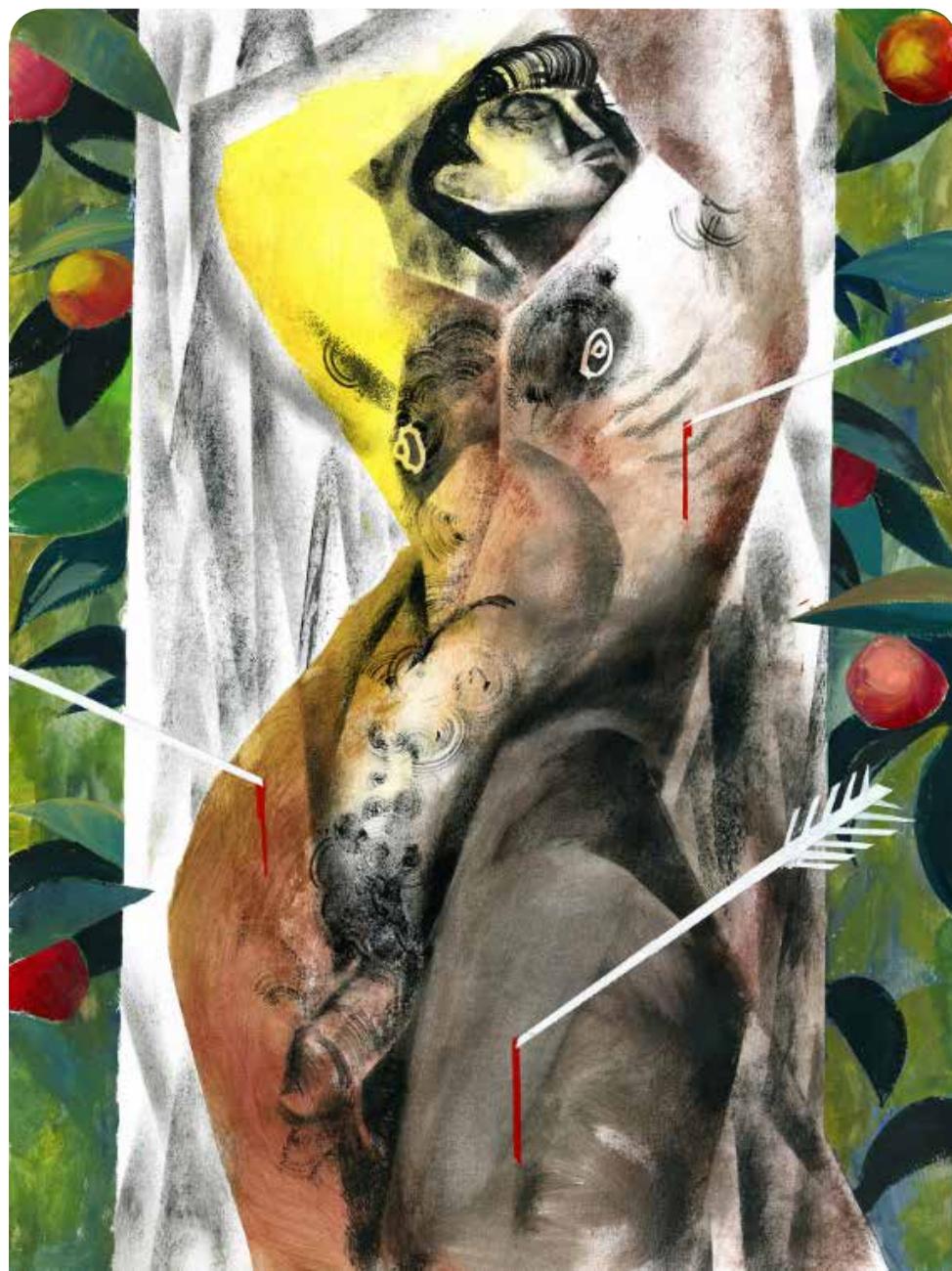






Carino busca explorar “a complicada influência da intimidade, da sexualidade e da exposição, especialmente no que se refere aos relacionamentos gays e à nossa capacidade de se conectar uns com os outros e nós mesmos”. Apesar de reconhecer uma mudança na aceitação do nu masculino na Arte e ter recebido uma resposta calorosa e acolhedora da comunidade de arte LGBTQ+, acredita que a resposta seria diferente se não tivesse criado seu pseudônimo.

Por isso, aconselha que os artistas sejam francos em suas representações artísticas, sem qualquer censura, permitindo-se investigar seus próprios raciocínios por trás de suas criações. Ele mesmo pretende continuar explorando a nudez e a sexualidade masculina em uma jornada de crescimento e transformação que está “ansioso para ver onde vai dar”. Nós também! **8=D**



Sebastião, guache sobre papel, 2020.



*Cirurgia plástica
para você!*



Dr. Alcemar Maia Souto

CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000 alcemarmaiasouto@gmail.com

Rod Spark

por Filipe Chagas

Cachorrinhos na lama, 2019.
Modelos: St. John e Matt.

Ser quase literalmente o único gay de sua conservadora cidade na Tasmânia entre os anos 1960/70 não era fácil, então, na primeira oportunidade, Rod Spark escapou para Adelaide, na Austrália do Sul. Sua vontade de explorar outras culturas o levou a uma viagem de cinco anos e cerca de 50 países para encontrar paisagens e experiências incríveis.

Com formação em Ciências e Tecnologia da Informática – e muitos empregos no currículo que vão de salva-vidas a massagista, de operário a cientista –, decidiu seguir sua paixão pela fotografia. Completou o mestrado em artes em Sydney, Austrália, e passou a entender melhor seu próprio processo artístico.

Sua Arte geralmente envolve uma paisagem natural ou criada a partir de outros objetos, especialmente o corpo masculino. Tanto a força quanto a vulnerabilidade que o homem pode oferecer em uma única imagem atraem Rod:

Gosto de fundir a forma masculina em uma paisagem expansiva ou usá-la como tela de pintura abstrata. Uso as fortes curvas do corpo para criar paisagens únicas.



Alcançando o céu, 2019. Modelo: Jacopo.



Fagner em seu elemento, 2018. Modelo: Fagner.



Eu vou te pegar, minha linda!, 2019. Modelo: Aiden.



Lucas com gelo, batido, não mexido #1, 2019. Modelo: Lucas.



Lucas com gelo, batido, não mexido #3, 2019. Modelo: Lucas.

Lucas com gelo, batido, não mexido #2, 2019. Modelo: Lucas.



Varuna levado à praia, 2019. Modelo: Mikey.



Sabendo que “a arte é muito subjetiva e uma imagem pode significar coisas radicalmente diferentes para cada espectador”, costuma trabalhar de forma orgânica, a partir de um conceito básico que deseja alcançar. Tem preferência por modelos dançarinos e criativos com quem possa compartilhar experiências e trocar ideias ao longo dos ensaios para dar forma ao ambiente e à luz.

Aliás, luz é algo muito importante para ele. Inspirado na densidade do chiaroscuro de Caravaggio, sempre tenta trazer alguma iluminação criativa em seus projetos artísticos ou comissionados, em estúdio ou ao ar livre.

Adoro quando estou fazendo uma iluminação dramática nas costas e na bunda. Tanta expressão e variação que podem ser alcançadas com uma simples mudança na flexão de um músculo! Alimenta o meu amor pelas paisagens.

Brincadeira de sombras #1 e #2,
2018. Modelo: Russell.





Aperte e relaxe, 2017. Modelo: Paul.

Envergonhado, mas confiante, 2017. Modelo: Tomas.





Rod mantém uma relação honesta, aberta e de muito respeito com os modelos. Exige uma liberação assinada com antecedência, onde detalha a propriedade da imagem e as expectativas dos resultados prováveis da sessão e também fala sobre a nudez e os valores do trabalho. Relata que a inclusão do pênis é algo complicado, pois consegue mais modelos sem frontal. Por isso, quando encontra um modelo que aceite fazer nu frontal, fica animado com as possibilidades visuais. No entanto, se preocupa para que o falo melhore a foto sem torná-lo o único foco de atenção, pois acredita que uma ereção depende de um contexto certo para ser classificado como Arte – como nas fotografias de Mapplethorpe – e não como pornografia.

Posso brincar agora, senhor?, 2019. Modelo: Todd.

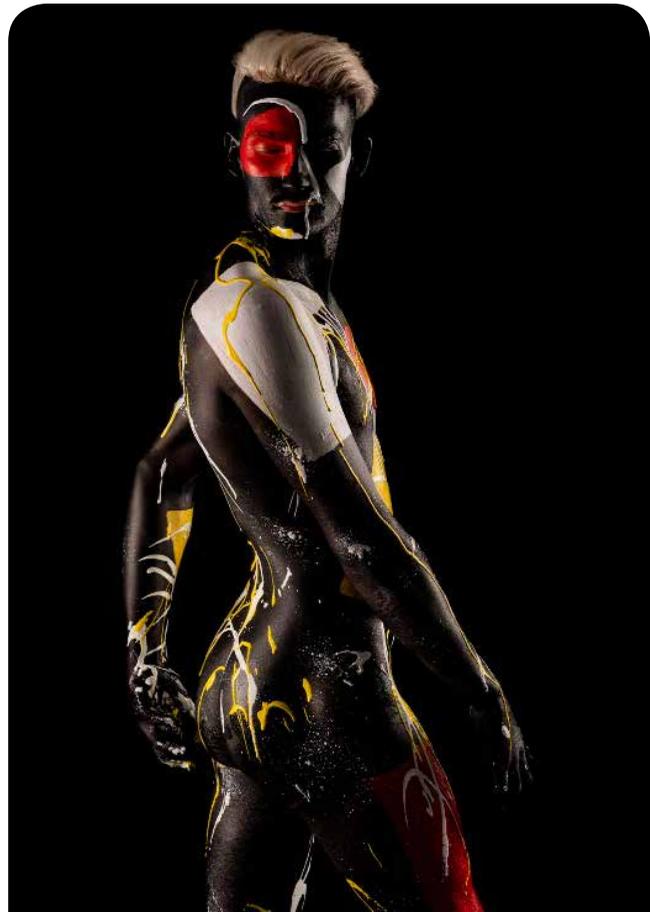


Nada para ver aqui, 2019. Modelo: Travis.

Me tira daqui, 2019. Modelo: Nate.



Conheça meu primo autobot, 2018. Modelo: Jake Shy.

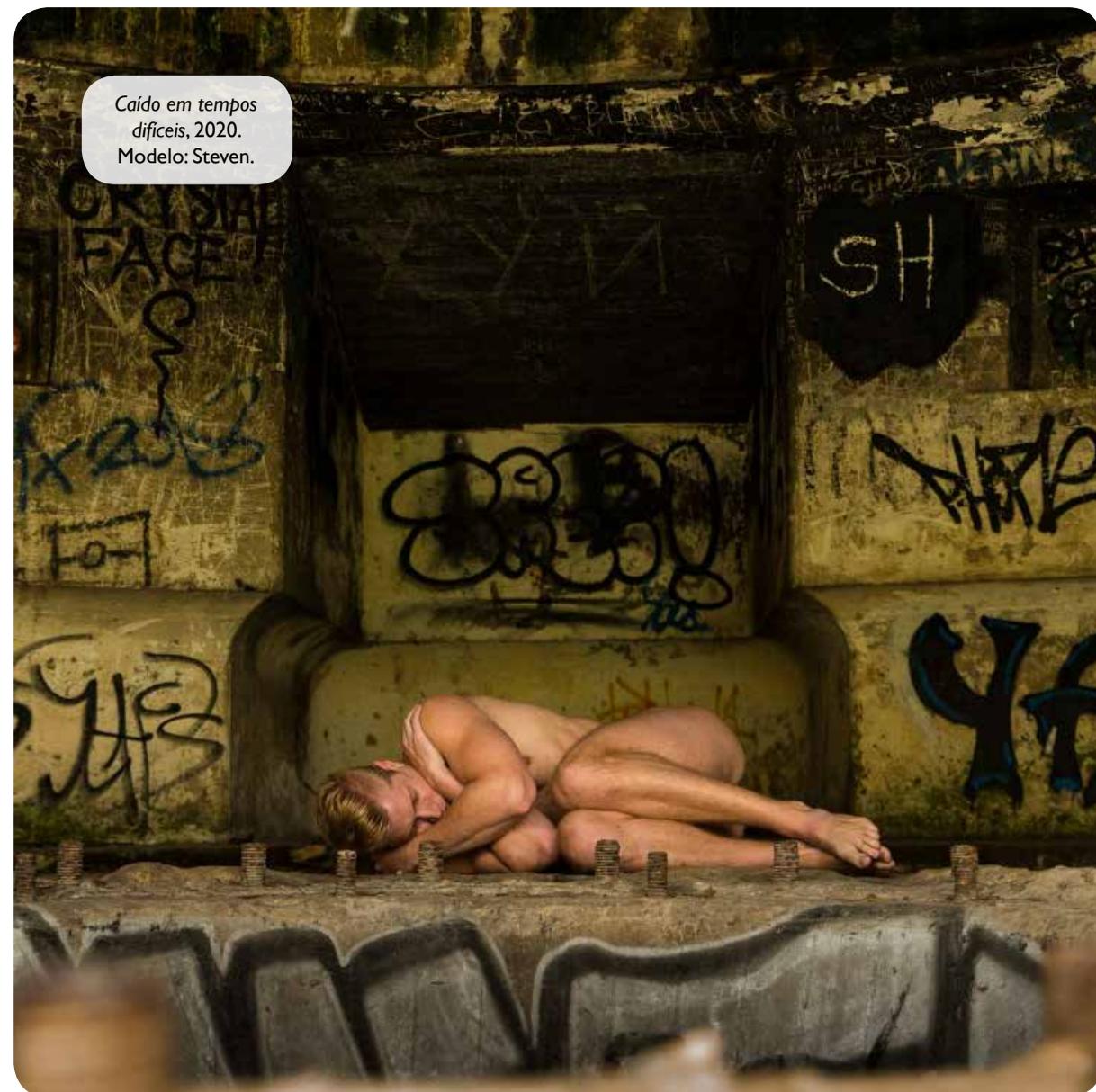


Pintura corporal no meu brasileiro favorito, 2019. Modelo: Santiago.

Vem percebendo uma mudança gradual na aceitação da forma masculina na arte nas últimas décadas e credita isso às mulheres e aos homens gays com mais poder de quer ver o objeto que desejam. De volta à Tasmânia, Rod espera expandir a popularidade desse gênero artístico e, talvez, mostrar grande parte de seu material inicial, de uma era pré-internet, que ainda está em caixas de arquivo à espera de ser revelada ao mundo. **8=D**



Autorretrato.



FOR ARTISTS AND ART LOVERS

ONLINE GAY ART MAGAZINE

**noisy
rain**
gay art magazine
WWW.NOISYRAIN.COM

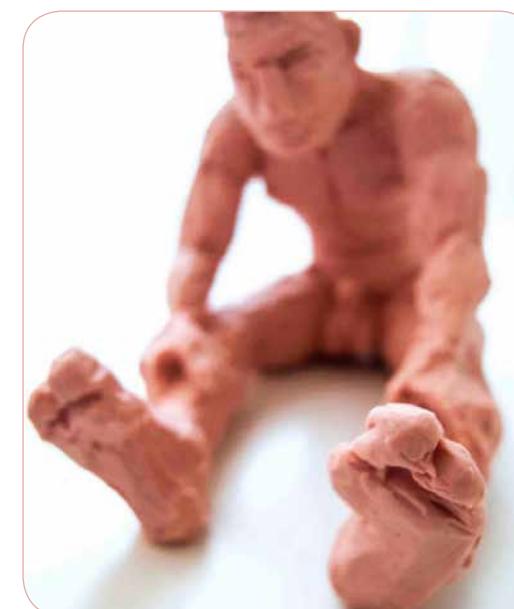




Beny Alonso

por Filipe Chagas

Massinha. É isso mesmo: massa de modelar, aquela que crianças usam. Esse é o material que levou o designer gráfico e fotógrafo espanhol Beny Alonso a criar o projeto *BodyPlasty*.



Pé – O começo, 2017.

Antes de tudo, vamos lembrar que a história da escultura na humanidade começou com a modelagem do barro e depois passou para a pedra e para os metais. O mármore e o bronze foram – e ainda são – os materiais considerados mais nobres, porém a modelagem sempre esteve presente, até mesmo para os estudos pré-escultóricos. Na década de 1960, novos materiais vindos do cotidiano invadiram o mundo da (Pop)Arte e ampliaram o escopo escultórico. Então, por que não a massinha? Combinando com suas técnicas fotográficas, Beny aproveita a potência do material.

Depois de fotografar as peças, eu as destruo e reaproveito a massa. No fim das contas, é um pouco o que acontece com o nosso corpo: única coisa que vai ficar dele serão as imagens.



Fique forte... fique salvo, 2020.

Ups... HoHoHo!!, 2018.



Assim, no projeto *BodyPlasty*, Beny trata o corpo masculino de uma forma lúdica e erótica ao mesmo tempo. Suas peças ganham um toque de humor que afastam a seriedade da arte tradicional em geral e levam o espectador a contemplar um corpo que se expõe diante dele, sem complexos, como um brinquedo para fantasiar e divertir-se.

O corpo humano sempre foi um fascínio constante para o artista, que considera o desenho de modelo vivo nu “uma base fantástica para qualquer tipo de arte, já que capturar força, expressão e vida, principalmente a vida de um corpo, é uma das coisas mais complicadas da arte.” Já o foco no corpo do homem vem da intenção de transformar o olhar costumeiramente direcionado ao corpo feminino e reconhecer a sensualidade e a sexualidade das representações masculinas.

Me interesso em olhar o corpo do homem desprovido daquele halo de grandeza da arte tradicional... um olhar mais cotidiano, mas com a mesma carga erótica que tem sido aplicada ao corpo feminino regularmente. Acho importante que tratemos o sexo de uma forma mais normalizada... só assim conseguiremos avançar para uma sociedade mais saudável em muitos sentidos.



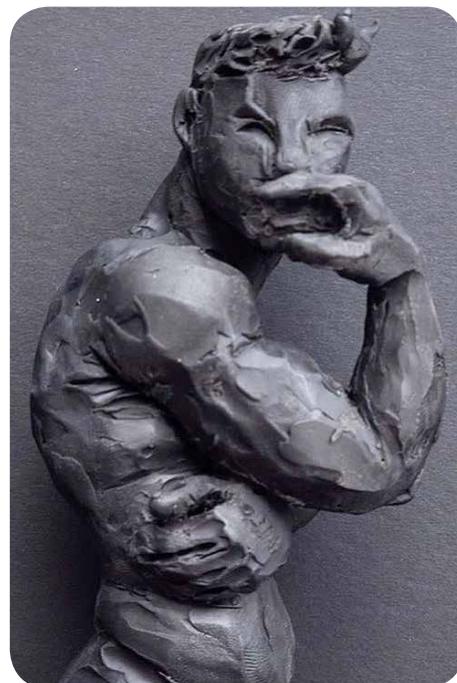
Fique em casa, mas
não sozinho, 2020.



Velhas gerações
orgulhosas, 2020.

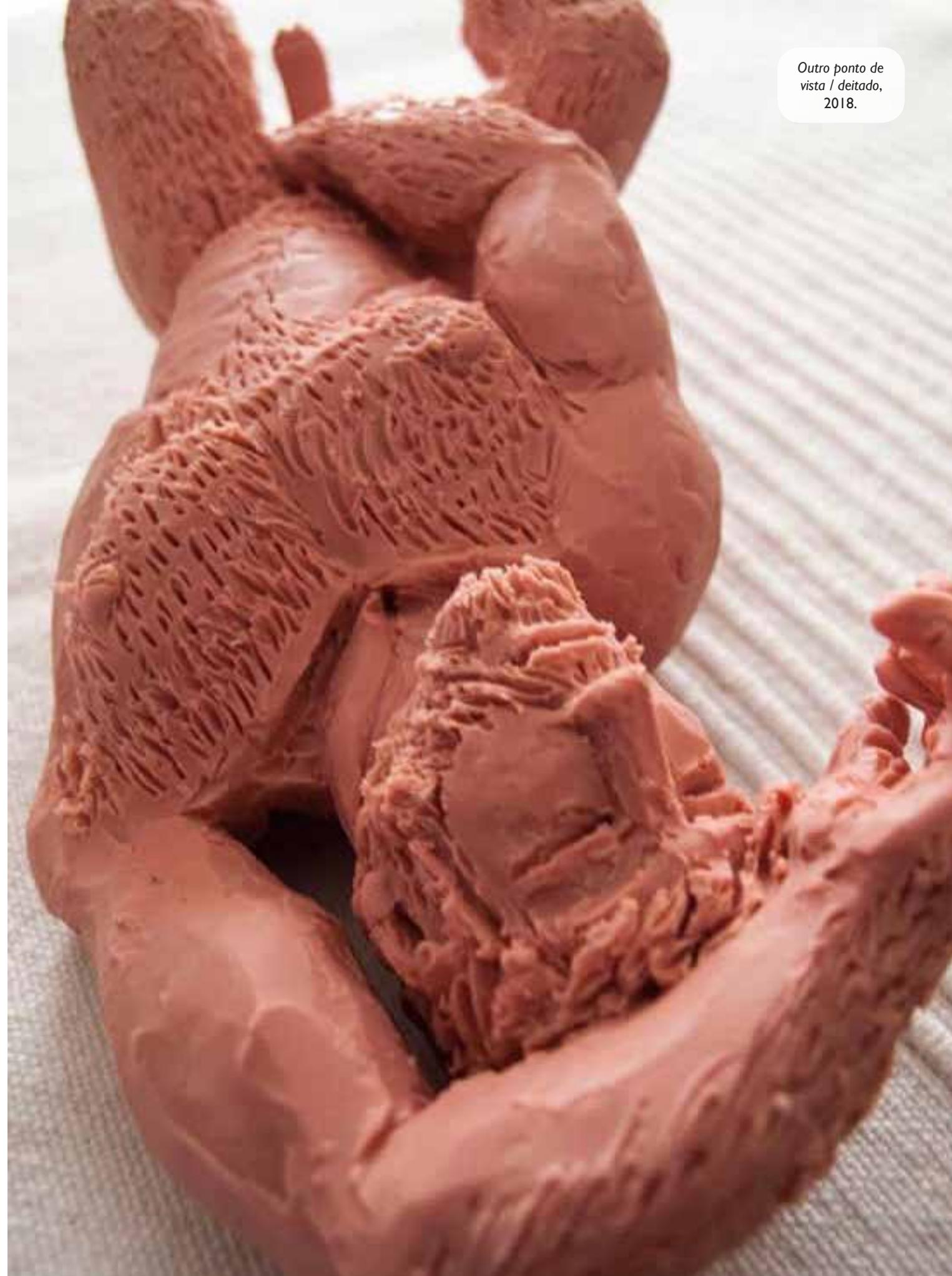
Em diversas ocasiões como fotógrafo, trabalhou com modelos, pois acredita que a relação produzida num ensaio fotográfico pode ser muito interessante (“às vezes há uma sintonia fantástica desde o primeiro momento, em outras vezes vai surgindo enquanto você trabalha, e noutras ocasiões não há nada... em qualquer caso tudo se reflete na obra”). No entanto, para o *BodyPlasty*, não trabalha com modelos porque se concentra no jogo sensual entre a massa de modelar e as ideias em sua cabeça:

A massa é uma material muito sensível que registra qualquer gesto e, portanto, me dita suas formas. Muitas vezes pretendo fazer uma coisa e ele me propõe outra. Aos poucos vou descobrindo a identidade da obra, sua personalidade. Os rostos vão surgindo... às vezes, um simples gesto do palito faz a expressão sair... ou se perder. É como sexo: gosto muito enquanto descubro as formas do corpo. Poucos homens se entregaram a mim tanto quanto aqueles que eu modelo.



Men in black, 2018.

Outro ponto de vista / deitado, 2018.



Black power / Black Lives Matter, 2020.

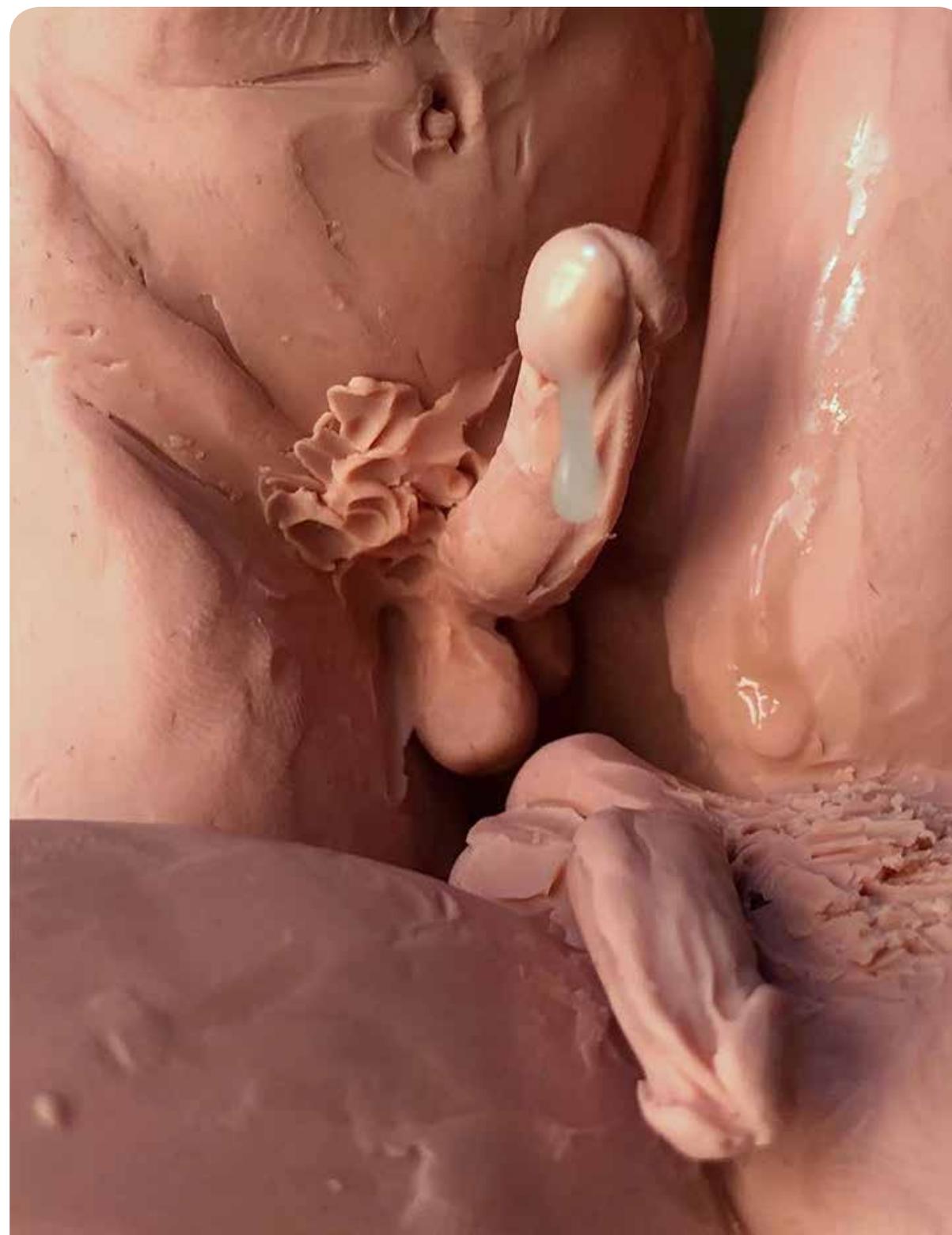
Todas as partes do corpo são relevantes para o artista por considerar que o movimento só é plenamente alcançado em seu conjunto. Apesar do tamanho reduzido de suas esculturas que dificulta o detalhamento (“mas me faz ser mais objetivo e sintético”), Beny gosta de trabalhar bem as mãos, os pés que dão força à expressividade. Outro elemento importante é o pelo corporal, que dá textura e ajuda a definir os músculos.

Embora algumas peças do projeto sejam focadas exclusivamente no falo, no púbis, nos testículos e até mesmo no sêmen escorrendo (“A ejaculação é parte natural da sexualidade masculina. Por que não mostrá-la de forma artística?”), o pênis está naturalmente integrado em suas peças: em repouso acompanha a dinâmica da peça, enquanto ereto se torna mais cru, até mesmo violento.



Teddy / October, 2018.

Um falo em repouso tem o erotismo da possibilidade de ereção, e um falo já ereto mostra a força do membro masculino em seu esplendor.



Bom te ver / Celebração 2000, 2019.



Sem tocar / Celebração 1000, 2018.

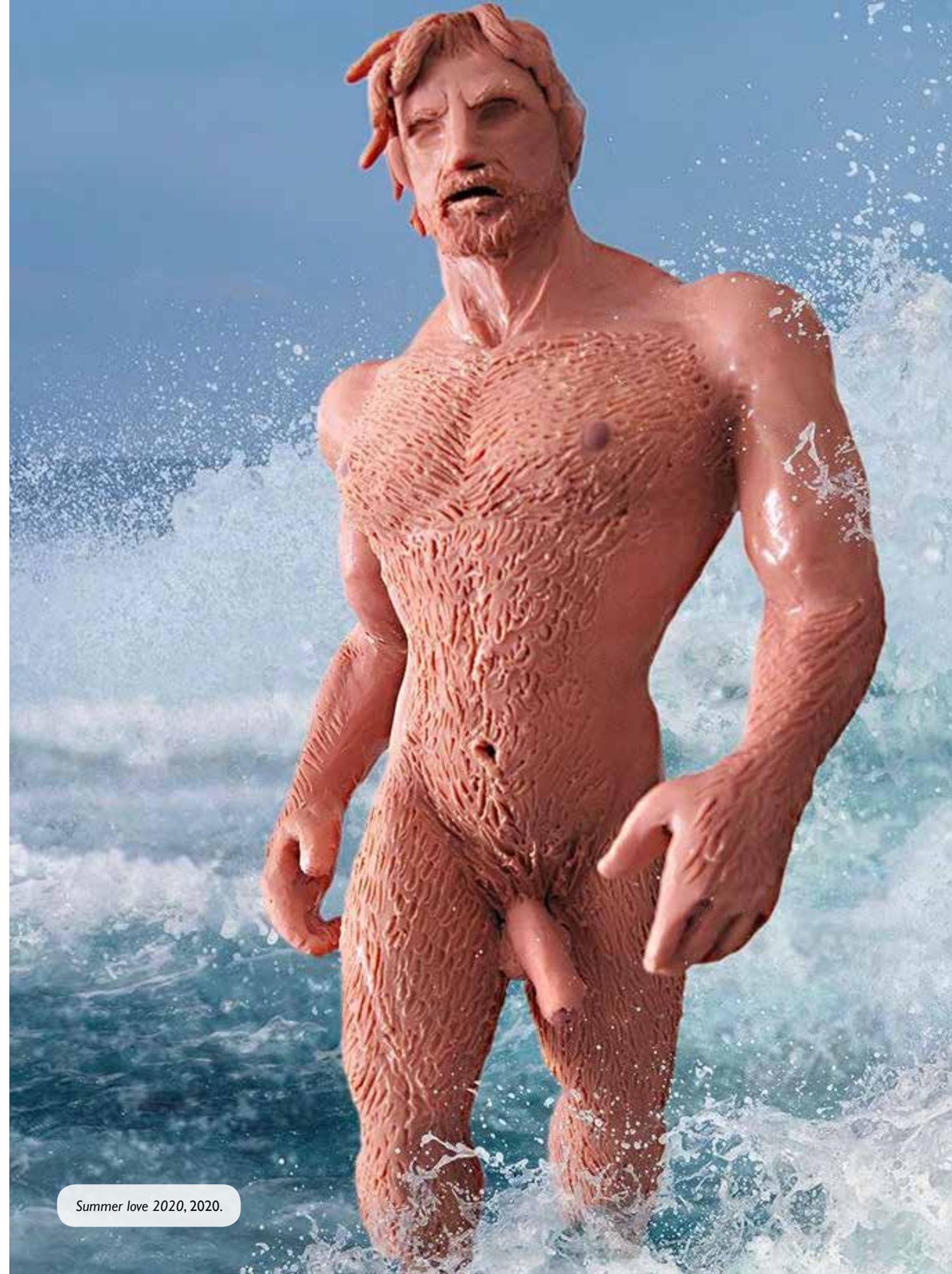


Morning wood, 2018.



Depois da modelagem, vem o processo de fotografar, quando Beny trata a figura como se fosse um corpo real. Iluminação, enquadramento, ponto de vista... todas as técnicas objetivam dar à obra uma dimensão diferente, a dar-lhe vida, uma vez que o nosso cérebro tem por costume processar a imagem fotográfica como real.

Processo de modelagem (cinco fases) de *Summer love 2020*.



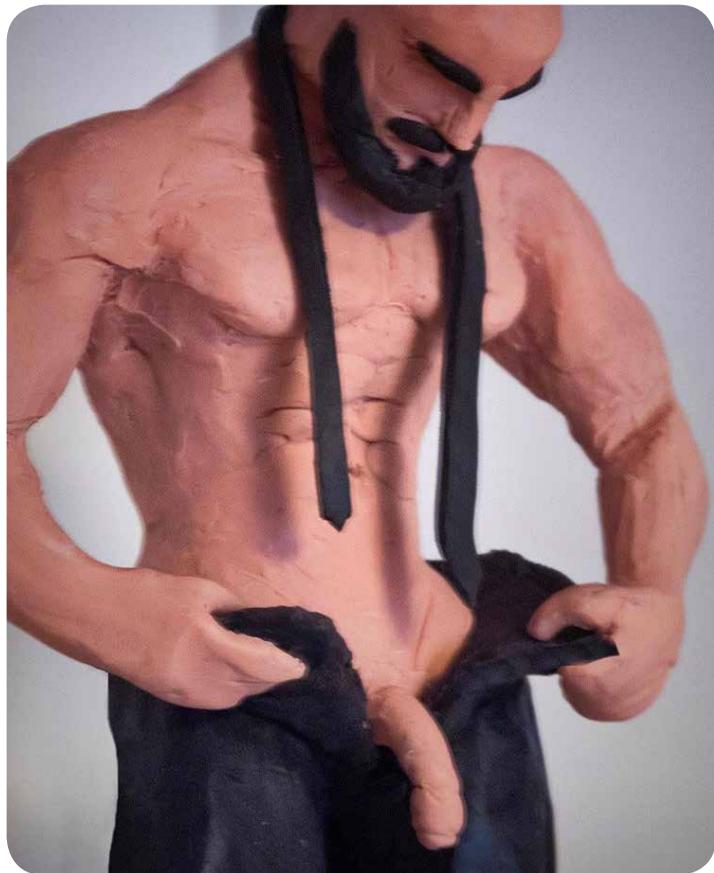
Summer love 2020, 2020.



Aí vem o sol, 2019.



Ressurreição, 2019.



Pronto pra festa / Feliz & Sexy 2019, 2018.

60

Me acorde quando setembro acabar, 2018.



Isso o levou a postar os resultados no Instagram, principal plataforma de imagens da atualidade. Ao mesmo tempo que vibra com a interação e a inspiração vinda de trabalhos partilhados nesta rede, foi apresentado a um conflito que, embora pareça, não é novo: exposição vs. censura. Já teve seu perfil deletado (posteriormente recuperado) e sabe que vive com a ameaça constante de ser bloqueado por “conteúdo impróprio”. Beny acredita que esse conflito cínico vem da manipulação política e religiosa dos cânones estéticos, tanto masculinos quanto femininos, ao longo da história da arte que condiciona a relação do homem com seu próprio corpo, sua sensualidade e erotismo e também com o corpo de outras pessoas.

Acredito que a internet e as redes sociais podem contribuir para melhorar a aceitação do corpo masculino, através de uma maior exposição dos usuários e com as diferentes abordagens criativas que são compartilhadas. Acho importante que reivindicemos o direito de publicar este e outros tipos de conteúdos artísticos que só ofendem uns poucos, usando o nosso trabalho como um convite, para todos nós, a refletirmos sobre porque alguns se ofendem tanto. Se você não quiser ver nudez, não veja. Acho que se as redes têm tecnologia para detectar e bloquear um mamilo, também podem usá-lo para proteger os usuários de conteúdo que eles não querem ver, ao invés de bloqueá-lo para todos.



Seguindo o mestre / @Macksturgis, 2019.



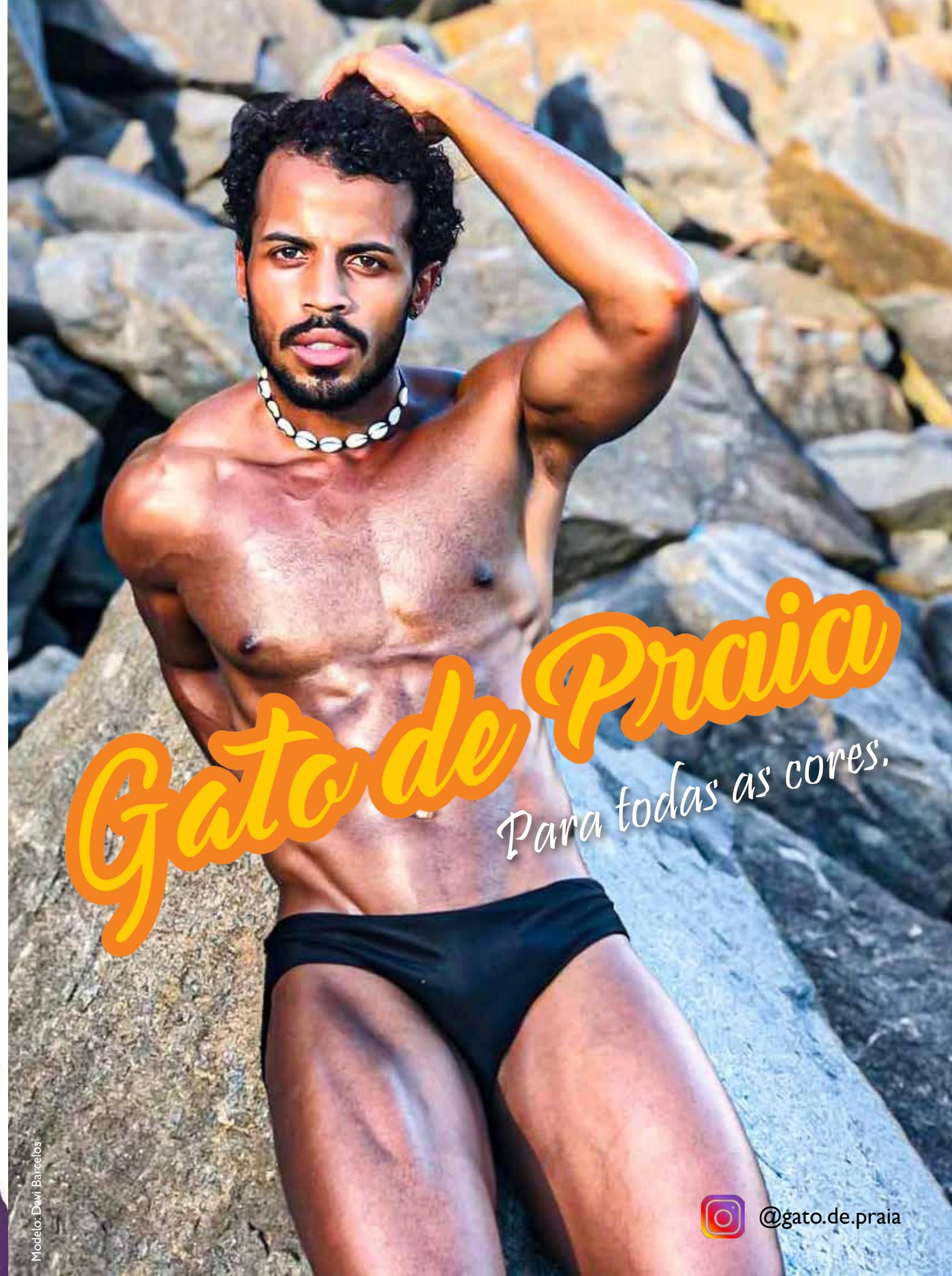
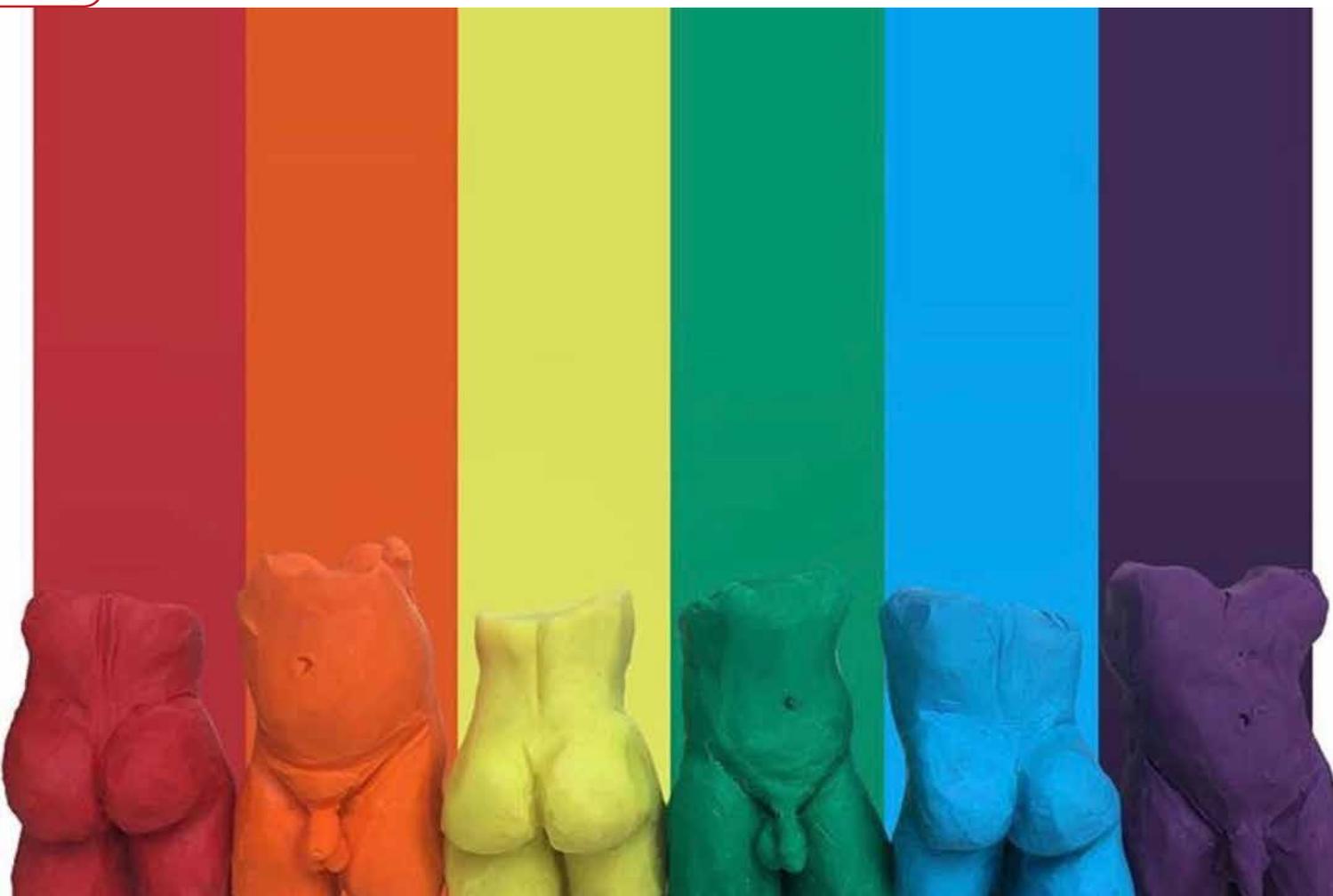
Big Blue Daddy – Seguindo o mestre / @adamgraphite, 2018.

Beny coloca seu trabalho acima de sua identidade (“o protagonista não sou eu, são meus meninos”) em busca de um retorno mais verdadeiro entre a arte e o espectador, que não seja a partir de uma conexão com o artista (“quantas vezes curtimos algo sem saber o que é só porque conhecemos ou seguimos quem compartilhou?). Dessa forma, prefere ser chamado de “criativo” e não de “artista” – palavra que acha “inchada” –, pois curte a experimentação, o processo, o erro e a surpresa sem se importar com o resultado.

Atualmente, tem trabalhado outras ideias sobre o corpo humano e testado outros materiais mais estáveis do que a massa de modelar para fazer peças que possam ser preservadas e expostas ou distribuídas. Seu objetivo sempre será viver desfrutando de seu trabalho, experimentando e se surpreendendo, distante das convenções. **8=D**



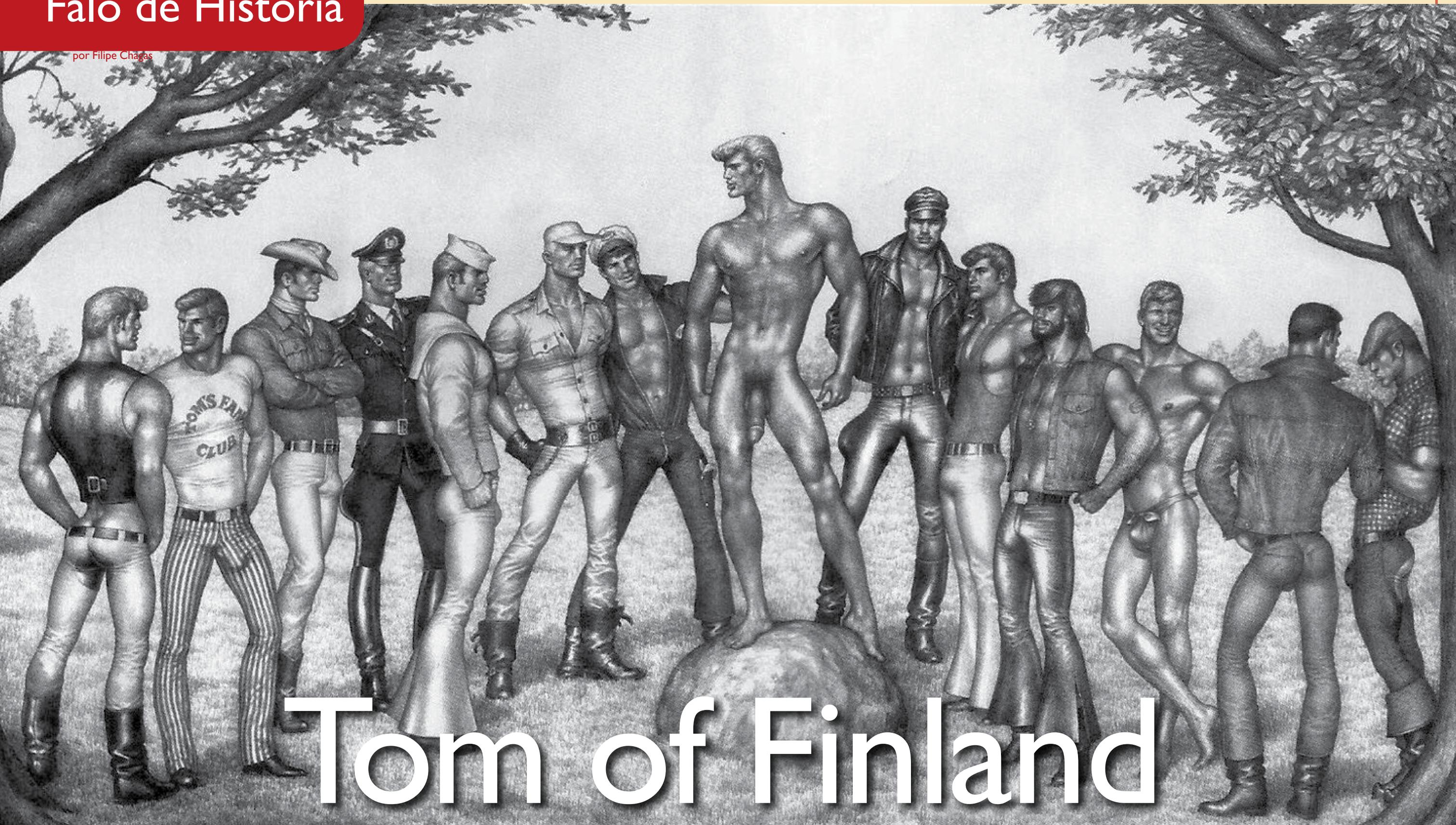
COLORS / Pride 2018, 2018.



Modelo: Davi Barcelos

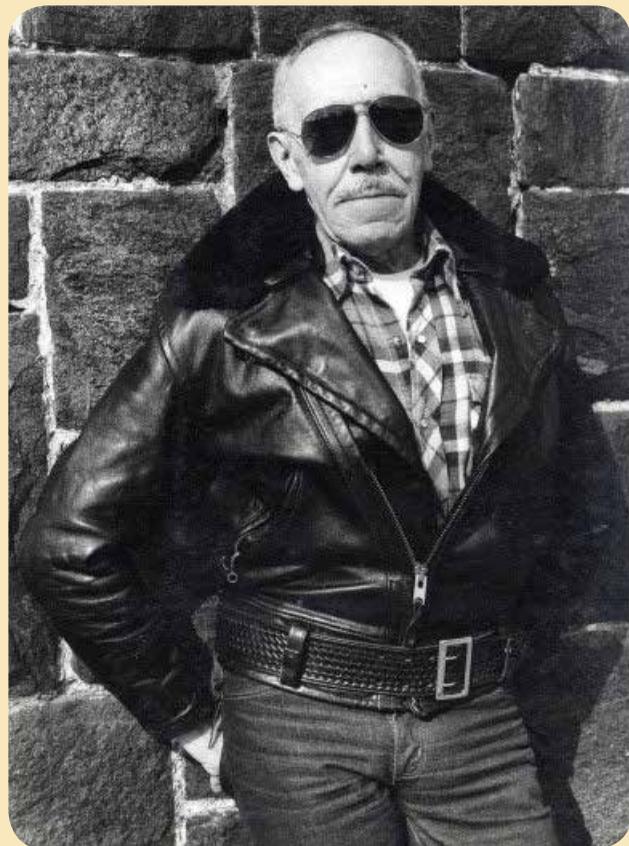


por Filipe Chagas



Tom of Finland

1920-1991



ATENÇÃO

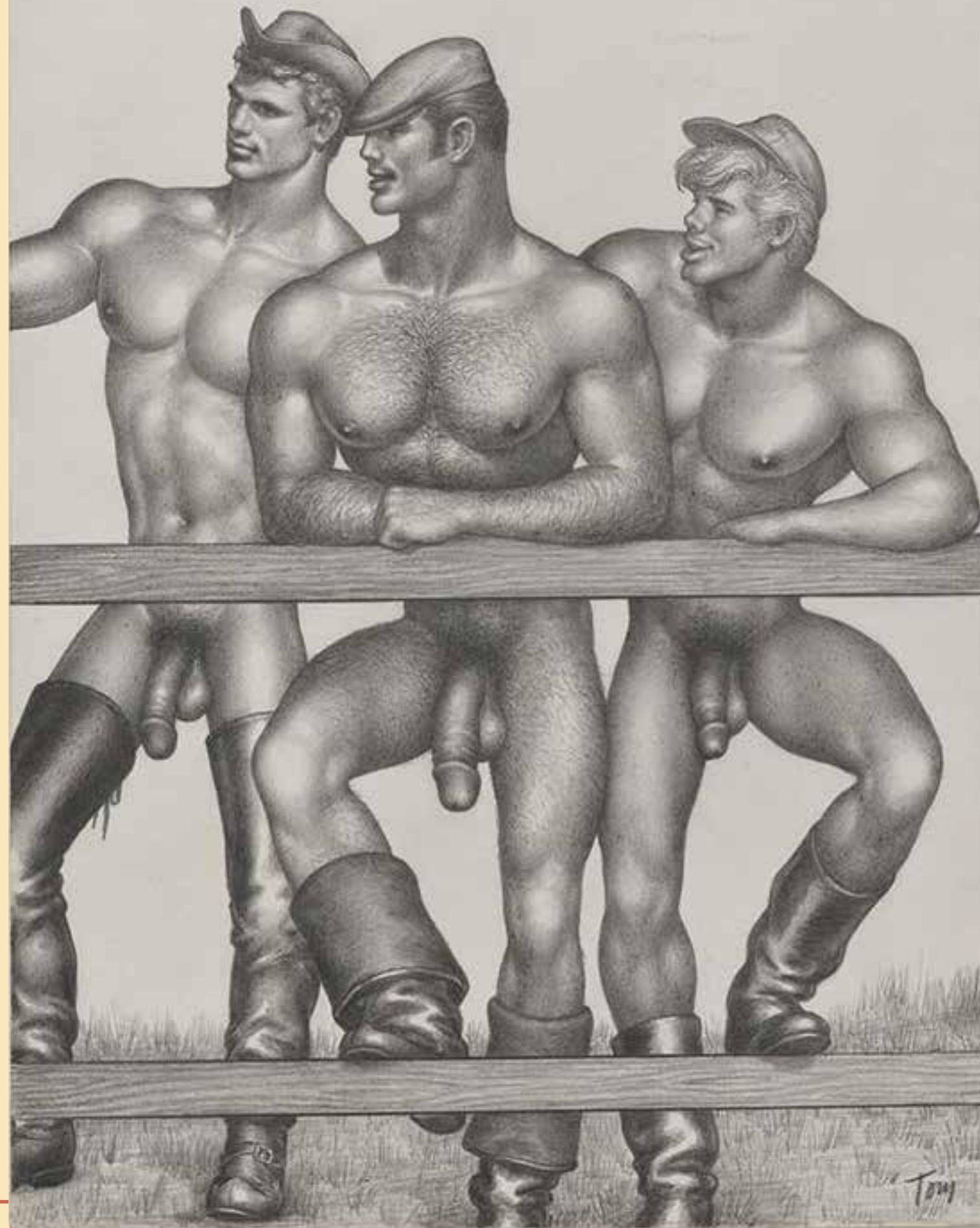
Todas as imagens de obras foram retiradas do site da *David Kordansky Gallery*.

Touko Valio Laaksonen (1920-1991) foi um designer finlandês considerado um dos artistas mais influentes do século 20 por sua representação inovadora da figura masculina de caráter homoerótico. É frequentemente considerado o artista mais famoso da Finlândia em nível internacional. Mas você não conhece Touko: você conhece **Tom of Finland!**

Touko nasceu em 8 de maio (*touko* significa “em maio” em finlandês) no pequeno povoado de Kaarina, na costa sudoeste da Finlândia, país que havia se tornado independente em 1917, três anos antes de seu nascimento. Seus pais eram professores de uma escola primária, onde a família morava em um anexo. Enquanto seu pai Edwin tinha um interesse dedicado pela música e dirigia um coro local, sua mãe Suoma incentivou seus cinco filhos com seus trabalhos manuais e desenhos.

Algumas cidades finlandesas continuavam rústicas e selvagens com homens que trabalhavam nos campos e florestas, fazendeiros e lenhadores que carregavam certa aspereza. Touko nasceu entre esses homens, mas não era parte deles: foi educado em casa e, aos cinco anos, já tocava piano. Amava a arte, a literatura e a música, tanto quanto aqueles homens rudes e aceitava isso como parte inata e secreta dele – tinha bons motivos para esconder seus desejos: homossexualidade era punível com prisão na Finlândia.

Grafite no papel, 1964.



Uma história bem particular diz que também aos cinco anos, Touko começou a espionar um garoto musculoso que trabalhava numa fazenda vizinha cujo nome, Urho, significa *herói*. Urho teria sido o primeiro homem a chamar sua atenção (e alguns dizem que, em seguida, foi o motorista do ônibus escolar). Desenhar tornou-se uma importante válvula de escape e ele produziu sua primeira tira em quadradinhos aos oito anos. Aos dez, com a puberdade se aproximando, Touko começou a desenhar os lenhadores e trabalhadores que despertavam seus desejos.

Depois de se formar no ensino médio em Turku em 1939, Touko se mudou para Helsinki e começou a estudar publicidade e marketing em uma escola de arte. A cidade portuária o introduziu a novos ideais masculinos, como policiais, operários e marinheiros. Uniformes e os poderes que eles conferem começaram a ganhar um lugar especial em suas fantasias.

Quando, no início de 1940, Stalin invadiu a Finlândia (na chamada Guerra de Inverno ou Russo-Finlandesa da Segunda Guerra Mundial), Touko foi alistado no exército finlandês e precisou destruir seus desenhos secretos. Excelente pianista, organizou um coro em sua unidade de artilharia antiaérea, onde chegou a tenente em 1943.

Enquanto estava estacionado próximo a Helsinki, Touko teve a chance de frequentar os concertos de música clássica que a capital oferecia. Os apagões noturnos da cidade realizados durante a guerra permitiram que ele desfrutasse da companhia de outros homens solitários – em especial soldados alemães aliados à Finlândia contra os russos – desejosos por sexo. Foi a oportunidade de satisfazer desejos que, de outra forma, teriam permanecido reprimidos por anos.

Sonho de marinheiro, grafite no papel, 1959.



Ele achava extremamente atraente os impecáveis uniformes alemães com suas botas pretas brilhantes. Aliás, a paixão de Touko por coturnos altos de couro começou na infância. Aos 10 anos, convenceu seus pais a lhe comprarem um par, que usava secretamente na cama até sua mãe descobrir. Continuou a achar homens de botas atraentes, mas nada que ele tivesse visto entre os rústicos calçados finlandeses era comparado a perfeição brilhante das botas alemães.

Todas as minhas primeiras experiências sexuais foram com soldados alemães. Ninguém fez uniformes como os alemães. E botas!
– disse no documentário *Daddy and the Muscle Academy*, de 1991.



Esboço em grafite no papel, 1944.



Guache no papel, 1947.

Touko passou quase cinco anos no serviço militar, desde o treinamento básico até sua unidade ser transferida em 1944 para se envolver em batalhas importantes e brutais que acabaram por parar o avanço das forças inimigas. Durante esse tempo, houve poucas oportunidades para desenhar, mas botas, os uniformes, o homoerotismo, tudo ficou gravado em sua mente. Após o fim da guerra, concluiu seu curso de publicidade enquanto estudava composição musical e piano na famosa Academia Sibelius em Helsinki.

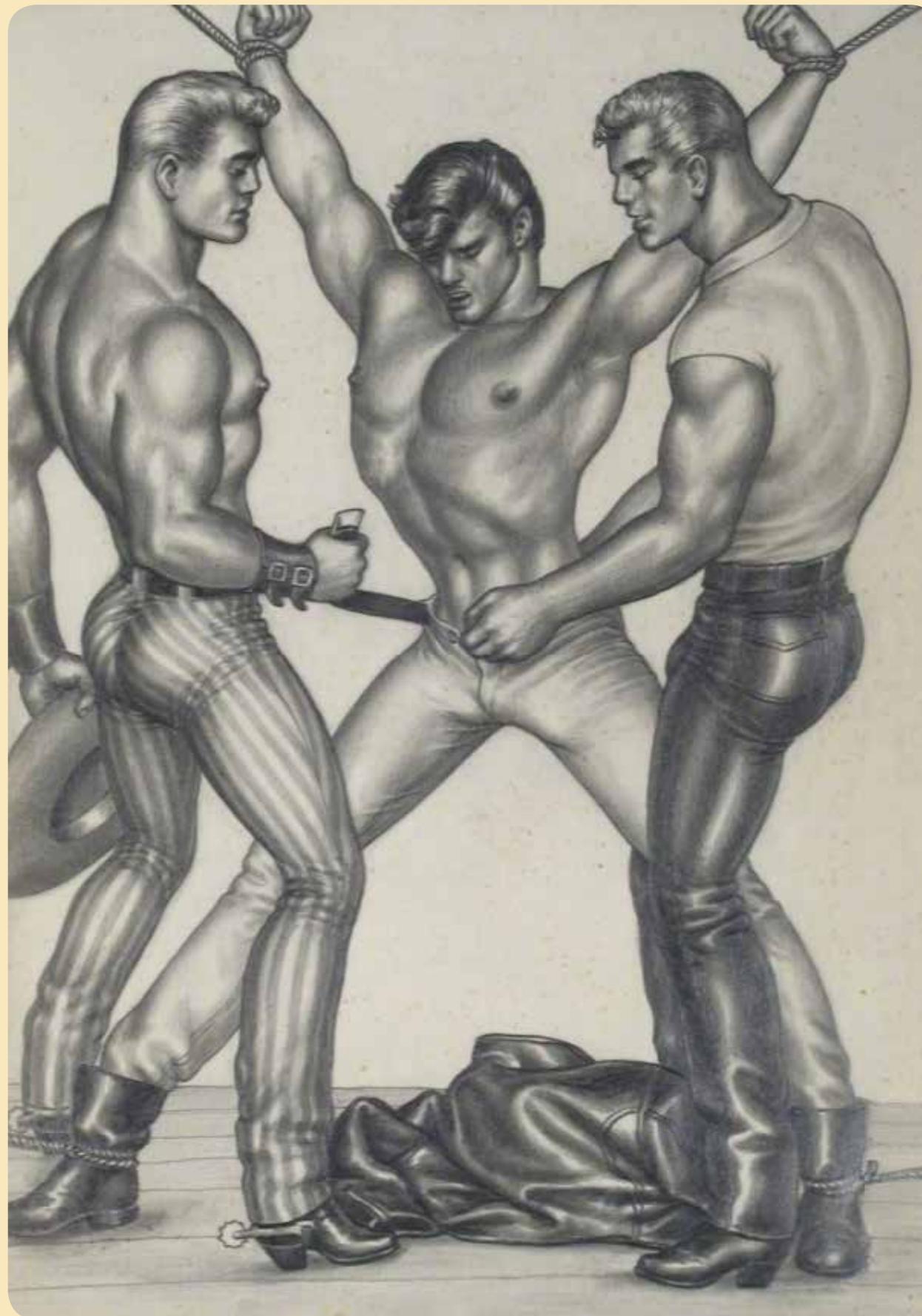
Em tempos de paz (sem os apagões noturnos), ele vivia suas fantasias na solidão de seu quarto em um apartamento sublocado com sua irmã e uma colega de classe. De dia trabalhava como desenhista freelancer de propaganda e moda, projetando campanhas e vitrines; à noite tocava piano em festas e cafés, tornando-se assim um membro popular da boemia de Helsinki.

As obras de Touko desse período são consideradas mais românticas e mais suaves com homens da classe média, se comparadas aos trabalhos posteriores que acabaram mais conhecidos, até porque ele ficou sexualmente perdido no pós-guerra.

A cultura gay underground em Helsinki na época considerava a efeminação uma exigência, algo distante da natureza de Touko, que vivera entre lenhadores e soldados. Pode-se ver esse conflito cultural na primeira história em quadros que criou em 1946, onde o personagem principal é visivelmente mais feminino se comparado com os vigorosos homens que criaria depois. Então, escolheu viver suas fantasias “desviantes”, encontrando com rara frequência homens nos parques e locais de encontro públicos da capital e, em suas frequentes viagens. Em 1953 Touko conheceu Veli “Nipa” Mäkinen (1932-1981) – com quem viveria os próximos 28 anos – numa esquina a alguns quarteirões da sua casa. A família Laaksonen gostava de Veli e nunca fez perguntas sobre o relacionamento dos dois; chamavam-no de “companheiro de quarto” de Touko.

Touko chegou a alcançar a direção de arte da McCann-Erickson, famosa rede de agências de publicidade, porém, não se sentia completamente realizado por não conseguir fazer seus “desenhos sujos” – forma que se referia à suas composições sexualizadas. Decidiu, então, criar histórias exclusivas (e bem explícitas) como presentes para seus amigos na Finlândia, bem mais fiel ao seu gosto pessoal. Por terem sido distribuídas em círculos privados, algumas permanecem inéditas até hoje.

Sempre soube que um desenho era bom se eu tivesse uma ereção.



O ladrão de sela XIII, grafite no papel, 1958.

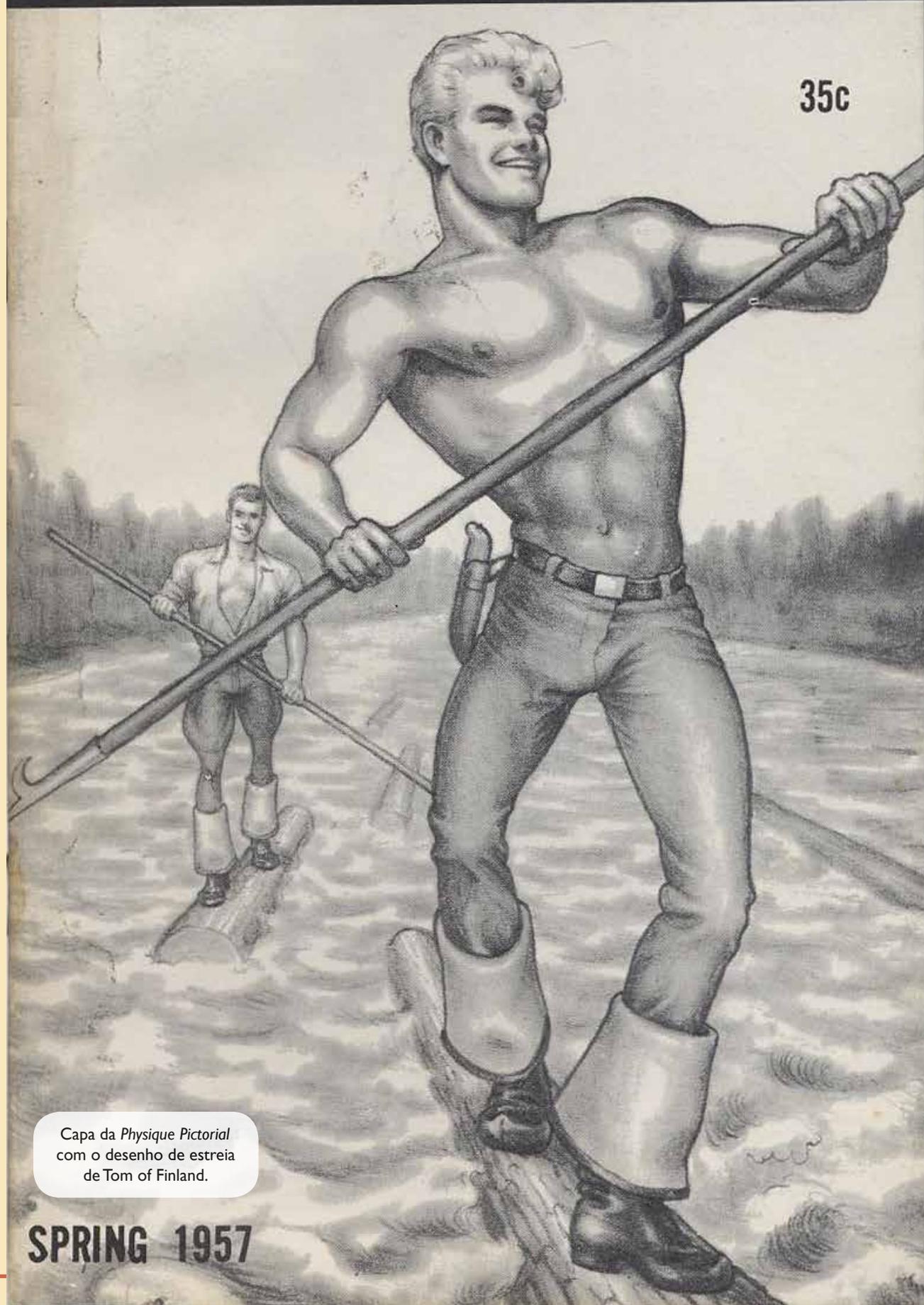
TOUKO VIRA TOM

No final de 1956, convencido por um amigo, Touko mandou alguns de seus desenhos para a *Physique Pictorial*, uma popular revista americana de homens musculosos, tendo o cuidado de usar o pseudônimo Tom. O editor Bob Mizer viu imediatamente o talento daquele desconhecido artista e a capa da edição de primavera de 1957 trouxe dois de seus lenhadores. Na edição de inverno do mesmo ano, Mizer o batizou como “Tom of Finland” para enfatizar suas raízes finlandesas e fazer com que parecesse tão exótico quanto os homens que desenhava. O nome Touko Laaksonen foi mantido para familiares e colegas; amigos e fãs passaram a chamá-lo simplesmente de Tom: começava a história de Tom of Finland.

Os primeiros desenhos de Tom para a *Physique Pictorial* mostravam suas paixões da infância, os lenhadores e valentões rurais. Acredita-se que ele tinha receio de enviar os desenhos que revelariam seu fetiche pelo uniforme do alto comando da aeronáutica e do exército alemão. Aos poucos foi introduzindo a imagem pela qual ficaria conhecido mundialmente, porém, acabou recebendo algumas críticas por apologia ao nazismo. Sua sorte foi o lançamento do filme *O Selvagem* (*The wild one*, 1953), com Marlon Brando no papel do motoqueiro rebelde que se tornaria um ícone cultural da década de 1950. Assim, os soldados de Tom tornaram-se motoqueiros, ou seja, uma imagem sem a bagagem moral de um oficial alemão. Mais tarde em sua carreira, Tom fez questão de dissociar a si mesmo e seu trabalho das ideologias fascistas ou racistas:

Não faço declarações políticas ou ideologias em meus desenhos. Penso apenas na imagem em si. Toda a filosofia nazista, o racismo e tudo mais, é odioso para mim, mas eu os desenhei mesmo assim: eles tinham os uniformes mais sexy!

35c



Capa da *Physique Pictorial* com o desenho de estreia de Tom of Finland.

SPRING 1957

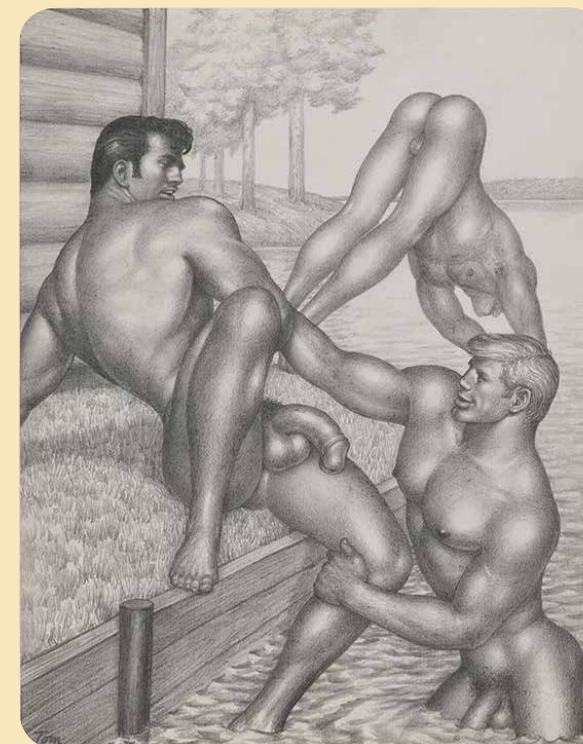
72

A demanda por seus “desenhos sujos” cresceu tão rapidamente que precisou parar de tocar piano. No entanto, arte erótica não era bem vista ou bem paga – muito menos a arte homossexual –, mas a *Physique Pictorial* manteve suas atividades com Tom sendo o artista principal de todas as edições. Suas primeiras histórias consecutivas (da série *The Tattooed Sailor*) apareceram na edição de agosto de 1961.

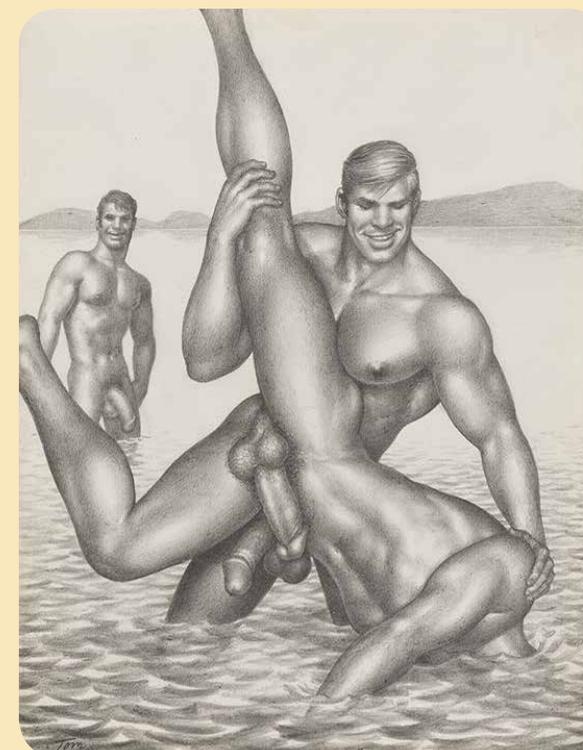
Em meados da década de 1960, o mercado das revistas começou a sofrer fortes censuras. Tom reagiu publicando desenhos ainda mais explícitos e exagerando alguns aspectos físicos de suas figuras (particularmente órgãos genitais e músculos). Em 1965, começou a flertar com a ideia de um personagem recorrente para suas histórias, seu homem definitivo, que surgiu em 1968 com **Kake**, um moreno de bigode e couro que se tornou a imagem referência da obra de Tom.*

Tom chegou a trabalhar para editoras na Dinamarca e na Suécia concomitantemente, no entanto, somente em 1973, conseguiu deixar seu emprego em publicidade para se dedicar em tempo integral aos desenhos homoeróticos. “Desde então vivi de jeans e de meus desenhos” foi como ele descreveu a mudança de estilo de vida. Passou a usar fotografias como inspiração para criar imagens mais realistas, quase em movimento, com posturas e gestos convincentes e ativos, onde aplicava seu ideal de beleza masculina e fascínio sexual. Combinava realismo com suas fantasias mais selvagens em representações à grafite que aguçavam o desejo dos observadores.

*Veja a seção **Bibliófono** dessa edição com uma resenha sobre uma coletânea desse personagem.



Mergulho, sequência em grafite no papel, 1968.



73



Concerto da TV, sequência completa de imagens do episódio 11 de *Kake*, caneta, tinta, guache em papel, 1972.

1973 foi, também, o ano da sua primeira exibição de arte internacional, numa pequena livraria “para adultos” em Hamburgo, na Alemanha. Contudo, essa experiência foi tão negativa (praticamente todos os seus desenhos originais foram roubados!) que ele só concordou em realizar outra exposição individual, em 1978, em Los Angeles, em sua primeira viagem para os Estados Unidos.

O grande salto na sua carreira deu-se quando o canadense-americano, Durk Dehner, se tornou seu empresário, e Tom realizou uma série de exposições nos EUA que transformaram o recluso artista de Helsinki numa celebridade gay internacional, com amigos como Robert Mapplethorpe. Em 1979, ambos fundaram a Tom of Finland Company para preservar os direitos autorais de sua arte, que havia sido amplamente pirateada.

Tom passava seis meses em Helsinki com Veli e seis meses em Los Angeles com Durk, trabalhando em exposições na Europa e na América, publicações, obras de arte encomendadas e suas próprias fantasias. Até que, em 1981, Veli morreu de câncer na garganta ao mesmo tempo em que a epidemia de AIDS se espalhava por várias cidades. Tom decidiu, então, ficar mais nos EUA a partir de 1984 quando, junto a Durk, fundou a Tom of Finland Foundation* em sua casa de três andares em Los Angeles, dirigida pelo parceiro Durk até hoje:

Eu prometi a ele que seria meu compromisso pessoal fazer tudo dentro de minhas possibilidades para mantê-lo parte da cultura popular. E eu tenho conseguido fazer isso transcender gerações, pois o trabalho dele é atemporal. Não posso pensar em um melhor embaixador da Finlândia do que Tom! – Durk Dehner



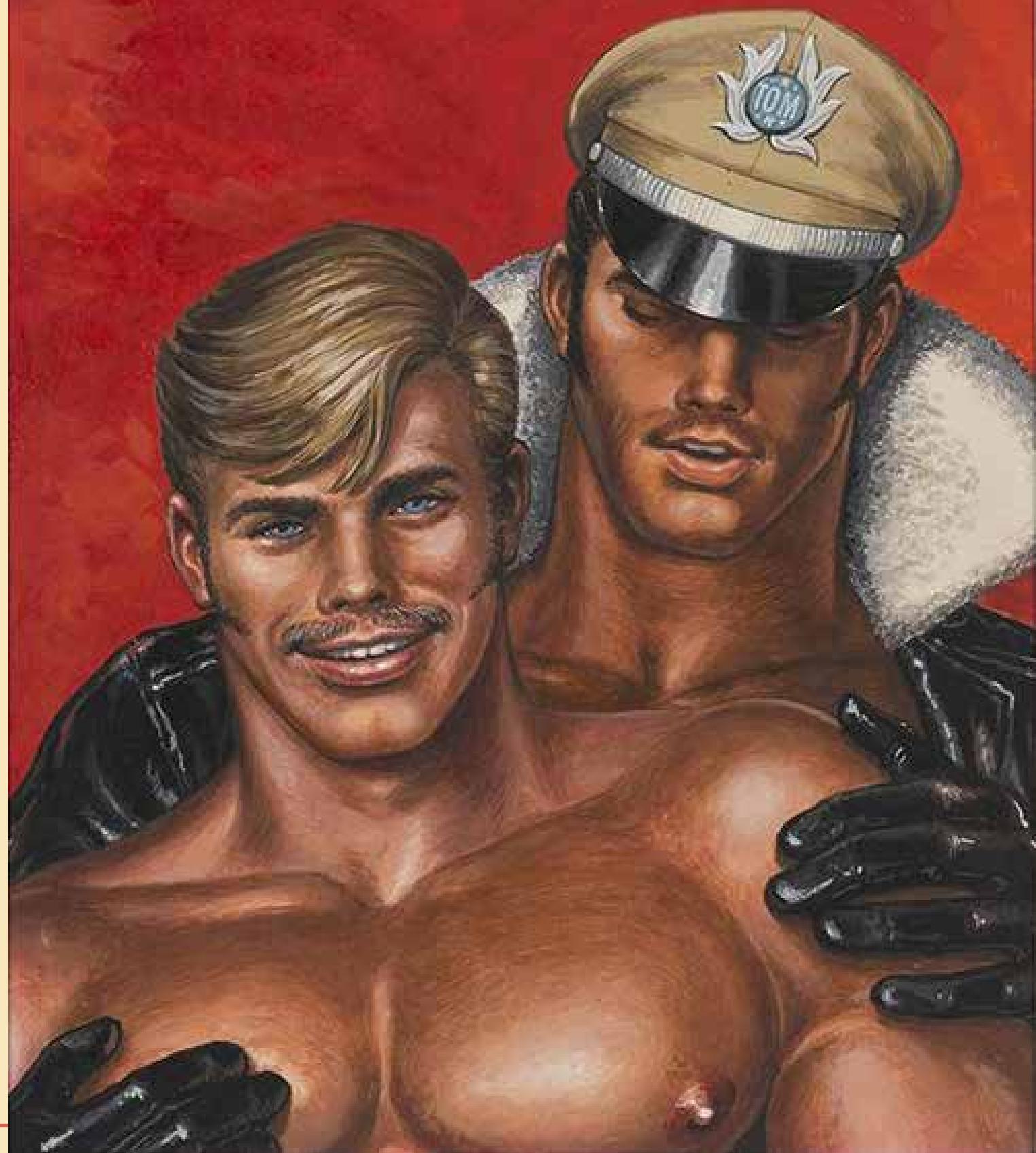
A Tom of Finland Foundation é uma organização sem fins lucrativos com a proposta de documentar o trabalho do artista (reunindo obras perdidas e restaurando-as) ao longo de seis décadas de arte erótica masculina. Por receber informações e trabalhos de todas as categorias de artistas dedicados à arte erótica e que tiveram seus trabalhos tratados sem seriedade, a fundação expandiu sua proposta ao incluir, em seu projeto, todas as áreas de arte erótica. Nos planos da fundação está a criação de um Museu de arte erótica, contemplando todas as diversidades possíveis ao longo da história, com um espaço para encorajar o desenvolvimento de artistas contemporâneos. Esse era um sonho do artista Touko.

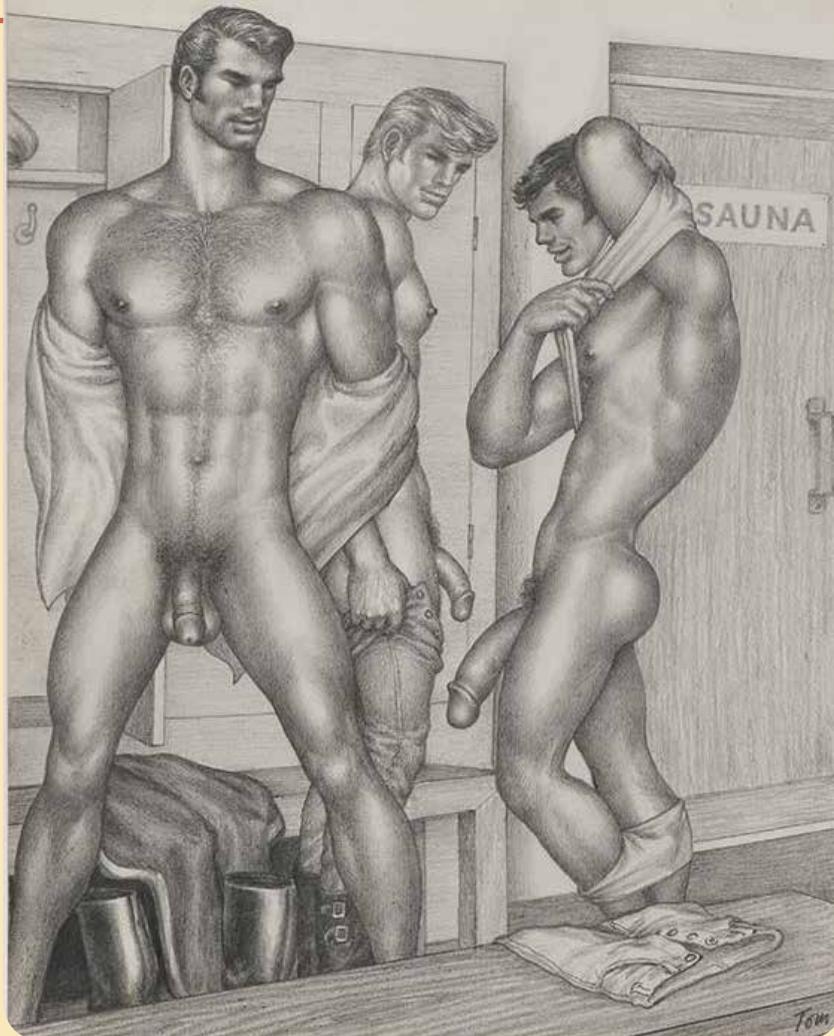


Grafite no papel, 1984.

Depois de ter diagnosticado um enfisema em 1988, Tom foi forçado a diminuir suas viagens, mas continuou a desenhar. Quando a doença e a medicação deixaram sua mão trêmula e o impediram de executar o detalhado trabalho pelo qual se tornou famoso, Tom voltou à técnica que gostava na infância, usando pastel para executar uma série de nus muito coloridos. Em 7 de novembro de 1991, aos 71 anos, o artista morreu de um acidente vascular cerebral por causa de sua doença pulmonar obstrutiva crônica.

Camaradas, guache no papel, 1973.





Grafite no papel, 1969.

78

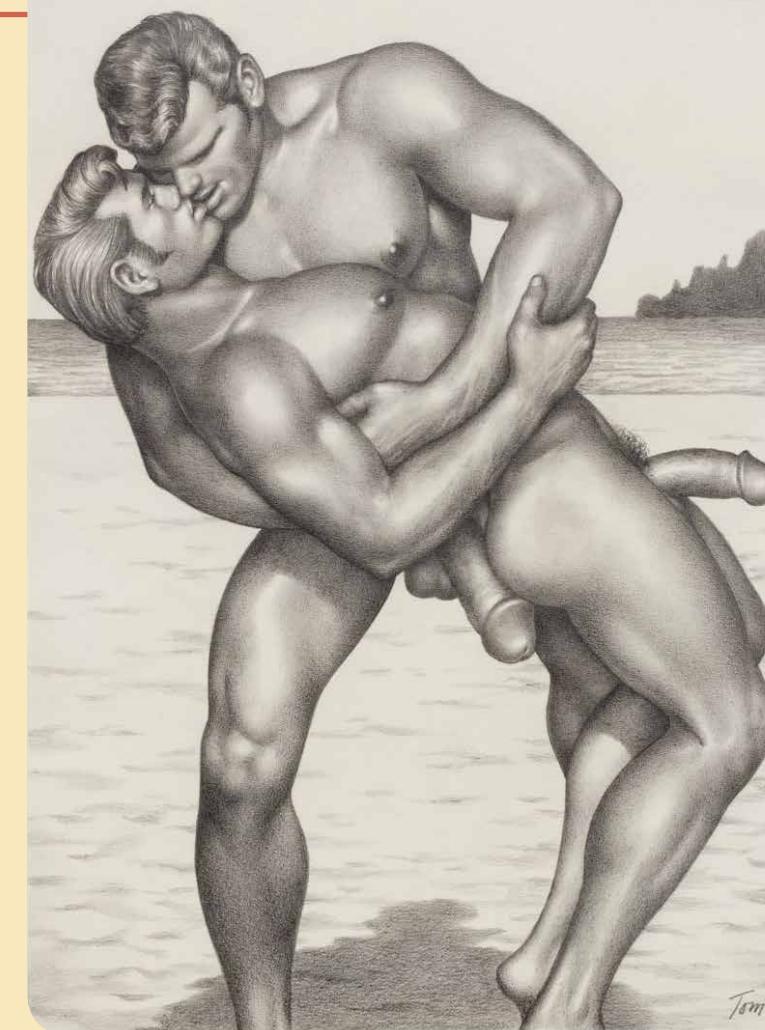
TRABALHO ATEMPORAL

Apesar de ter produzido mais de 3500 obras em vida – sem contar as que precisou destruir – Touko precisou esperar mais de trinta anos para ver sua arte reconhecida, sem nunca desistir de fazer aquilo em que mais acreditava: mostrar ao mundo que existem outras formas de ser feliz e obter prazer.

Como artista, ele foi excelente, como influência ele foi transcendente.

– Harvey S. Shipley Miller, curador da Fundação Judith Rothschild.

O trabalho de Tom tem sido considerado muito mais que “desenhos sujos” por causa de sua importância na mudança da auto-imagem do mundo gay. À época da publicação do primeiro trabalho de Tom na *Physique Pictorial*, os homossexuais eram vistos como imitações das mulheres e buscavam viver, não raro, no anonimato. Além de ser um dos maiores responsáveis pela divulgação do fetiche pelo couro e por uniformes, Tom mostrou uma imagem altamente máscula na fantasia homossexual com a mensagem simples **gay is good**.

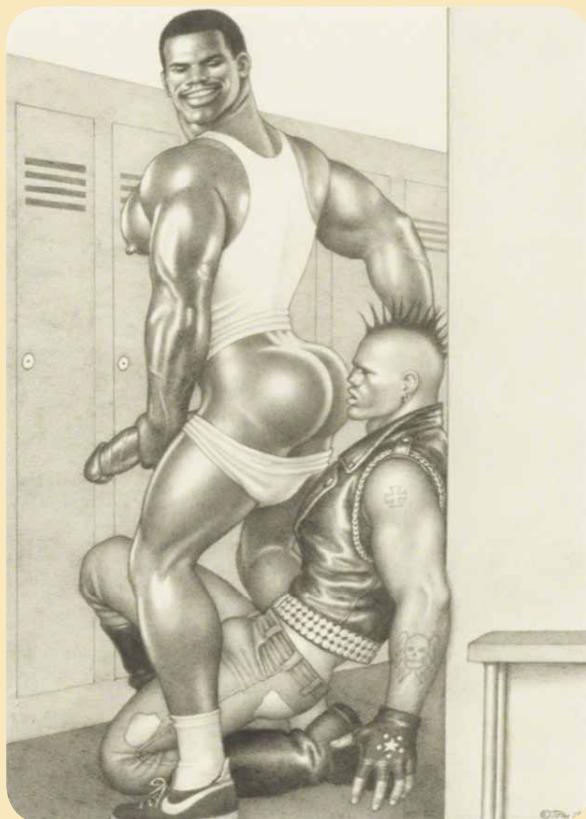


Grafite no papel, 1969.

79

Existem discussões intensas sobre a representação de “super-homens” (personagens musculosos com enormes órgãos sexuais) e a cultura sadomasoquista. Segundo Tom, os rostos bem feitos, com bigode, boca e olhares sedutores, buscavam mostrar a satisfação de tais homens com seus corpos e seus desejos. Quando perguntado se não ficava envergonhado ao desenhar homens praticando relação sexual, Tom afirmava enfaticamente: “Trabalhei arduamente para ter certeza de que os homens que desenho tenham orgulho pelo sexo que praticam e estão felizes por fazê-lo!”. Para Tom, vergonha havia se tornado a repressão das fantasias.

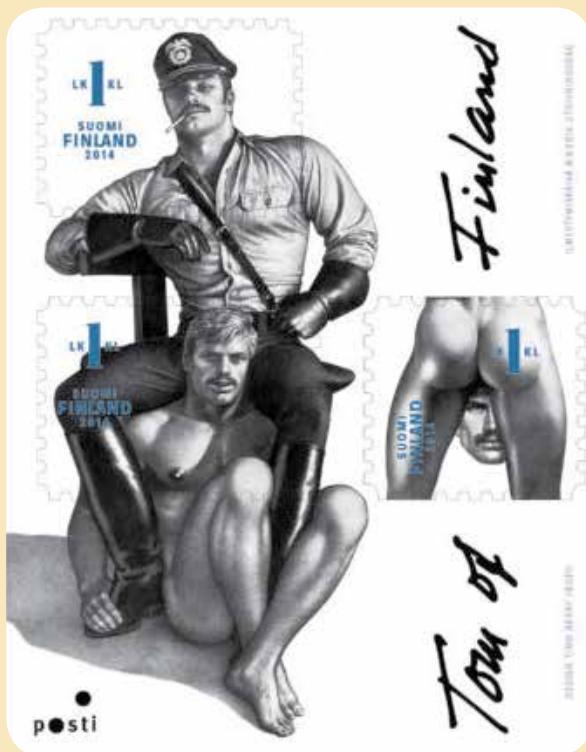
Dos anos 50 em diante, foi um ativista dedicado a favor do orgulho gay – primeiro para agradar a si mesmo e depois para inspirar os homens em todo o mundo. Suas representações fantásticas e fetichistas reafirmaram a sexualidade e a centralidade do corpo em todas as áreas da atividade humana, e nelas podemos seguir a sedução (ou abdução) através da consumação até o final afetoso. Seu discurso ajudou a alimentar os movimentos de libertação e permitiu que os gays acessassem uma nova força cultural. A arte de Tom contribuiu de maneira significativa para o modo como as minorias se percebiam. Susanna Luoto, uma das representantes da fundação afirma que “atingiu um outro campo além do puramente sexual: Tom representa a tolerância de uma maneira geral hoje, muito além da homossexualidade.”



Grafite no papel, 1986.

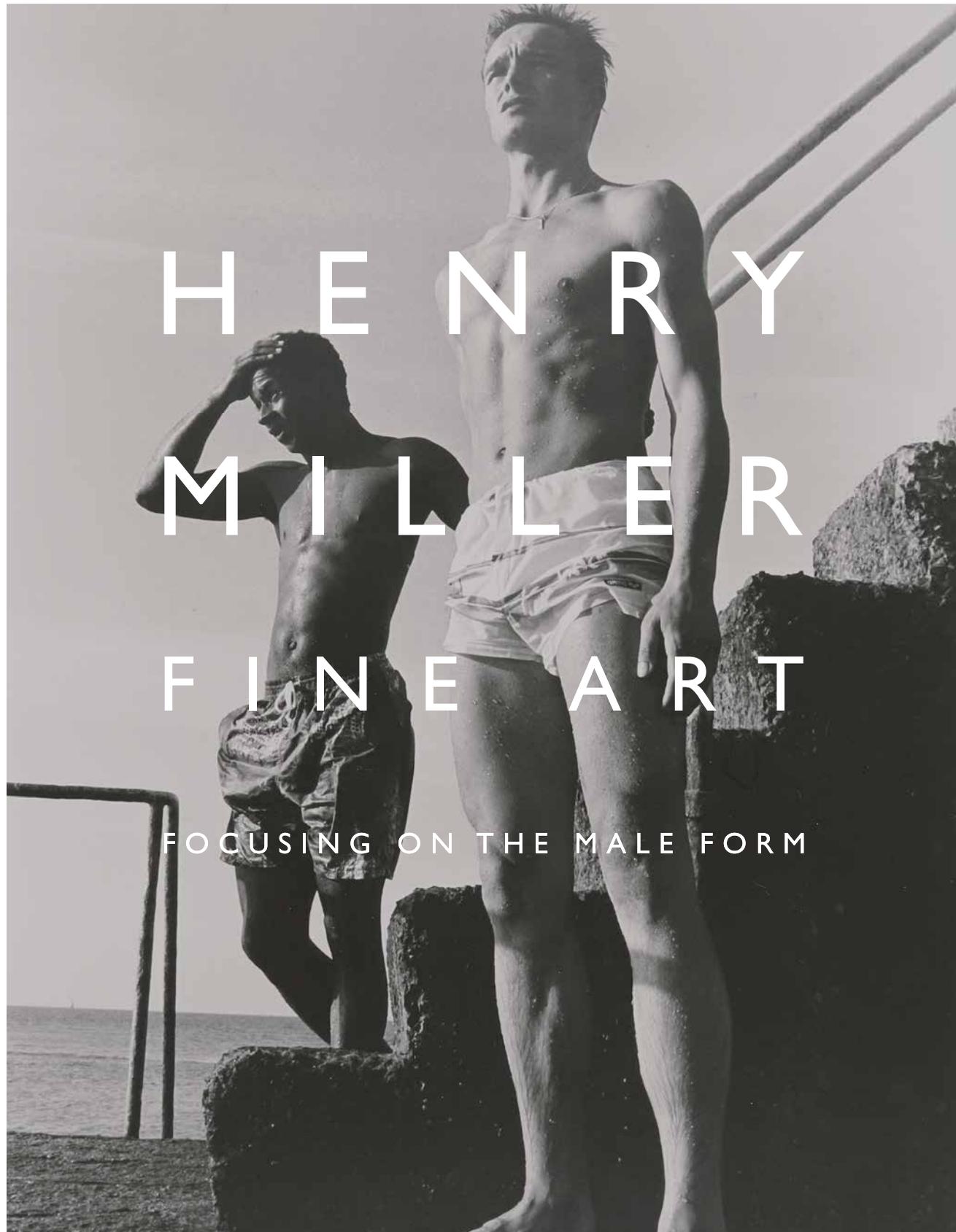
Apesar disso, fora a já citada suposta apologia ao nazismo, seus desenhos também foram analisados pela ângulo da fetichização do corpo negro, fazendo o que alguns trabalhos fossem omitidos de antologias e exposições. Sobre o corpo negro, os críticos discordam da polêmica já que ele retratou homens brancos com as mesmas características “hipersexuais”. A técnica de Tom é outro ponto que divide opiniões. Um crítico de arte de um jornal holandês chegou a dizer que as “ilustrações de Tom são todas iguais, sem expressividade”, mas o consenso é tratá-lo como um mestre do grafite pela riqueza de detalhes e texturas que conseguia criar.

A Tom of Finland Foundation mantém o público ciente de todo esse incrível trabalho com inúmeras ações e constantes aplicações em produtos, seja em bolsas, lençóis, papelaria, vestimentas etc. A loja virtual do *Posti* (serviço postal finlandês) ficou congestionada em abril de 2014 por conta de pré-encomendas de 70 mil selos vindas de 178 países: tudo isso graças a um conjunto de três selos em homenagem a Tom of Finland, o primeiro do mundo a ter uma arte homoerótica. Em 2017 – ano em que o casamento entre pessoas do mesmo sexo tornou-se oficialmente legal na Finlândia – o artista ganhou um filme biográfico, um musical e um emoji. Em 2020, sua fundação comemora 100 anos do artista com biografia oficial em livro, eventos e exposições virtuais, e, em 2021, serão lembrados os 30 anos de sua ausência. **8=D**



Tom of Finland

Falo em Foco



WWW.HENRYMILLERFINEART.CO.UK +44(0)20 85092044
HENRY@HENRYMILLERFINEART.CO.UK (0)7769 700290



Jovem homem nu em pé, óleo sobre tela de Ronald Bowen, 1985.

Comemorem!

por Mateus Capelo

A câmara legislativa do Distrito Federal aprovou em primeiro turno, um projeto que proíbe expressões artísticas e culturais com nudez ou que 'atentem contra símbolos religiosos'. Caso oficializada, a regra prevê a multa de até R\$ 5 mil para quem descumprir a medida.

Por mais que venham dizer o oposto, este é um pensamento alinhado com a prática de museus, galerias, artistas, colecionadores e militantes.

Artistas não se cansam de fazer grandes sermões pra afastar sua obra de uma leitura sexual, enquanto galeristas julgam nudez como *sub-arte* e expositores retiram do âmago do seu cu justificativas pra cagar conceitos

abstratos e mais aceitáveis às imagens figurativas desnudas. Colecionadores têm obras de mulheres nuas, pinturas ou fotografias, que costumam chamar de – no muito – eróticas... mas quando há apenas um homem em cena, isto sugere o *HOMOerotismo*, característica menor para coleções que se queiram respeitáveis.

A confusão entre corpo, nudez e sexo se estende para as militâncias. MovimentoS políticoS de esquerda e tal projeto têm tanto em comum: ambos lutam veementemente contra a pornografia, e em última instância, ao que pode se relacionar com o sexo. A confusão exercida pelos conservadores entre nudez, pornografia e pedofilia se pratica, em associação livre, entre patriarcado, machismo, falocentrismo, assédio e pau: o caralho se tornou um inimigo natural e todo homem um assediador em potencial... como se mulheres não pudessem praticar assédio.

Em aulas de teatro, a simples menção de um corpo nu se convertia em “*que merda sair de casa pra ver um pênis na sua cara*”. Vi uma turma censurar *O caderno rosa de Lori Lambi* sem sequer conhecer o texto ou tendo lido apenas as duas primeiras páginas. Eu, como um homem pardo, não tinha legitimidade pra defender a peça, pois não estava no meu “lugar de fala” – embora a tenha lido em voz alta e com muito escárnio.

Festivais de cinema – em especial LGBTQIA+ –, atendendo aos pedidos da problemática de hiperssexualização, tem preferido obras mais higiênicas e que narrem, com profunda estética religiosa, o seu calvário de sofrimento: o complexo de Jesus Cristo nunca fez tanto sucesso, porque, afinal de contas, estão na linha de frente. Aliás, corpos historicamente hiperssexualizados, a fim de se desvincularem dessa pecha, pegam a via rápida do puritanismo. Outres vomitam teses *queer* e pós-pornográficas que são mais notas de rodapé de Foucault ou Judith Bütler. Na necessidade da aceitação, insistem em sacralizar tudo, em permanente esquema do “pensamento que liberta”. E assim, como os espinhos cravados no corpo do salvador, o sexo entra em performance num golpe de automutilação: o sangue que escorre. É incrível o quanto precisam de sofrimento e de um super-herói.

Estes outres, outros e outras, no *break do home office*, rebolam a raba pro único setor que se encontra totalmente livre na exploração dos corpos: a música pop. Isto quando não devoram filmes e séries da indústria de *blockbusters* como se todo o reflexo dessas obras fosse alheia ao controle dos corpos. Na sala de jantar,

enquanto a pornografia delega o sexo, o pop explora o corpo de mãos dadas com a publicidade. No jogo político, grandes empresas cumprimentam o esquema conservador com uma das mãos e, com a outra, acenam aos jovens para mais uma sessão de entretenimento gostoso. É lucrativo que se pratique a dobradinha *morde e assopra* ou *proíbe e hiperestimula* ou *culpa e perdão*: um mercado de consumo rentável se expande.

Na cota da nudez, as instituições elaboram alguma exposição que toque no assunto, mas sem criar um diálogo permanente entre artistas e população, comparando as vivências do corpo com o cio de um animal que se dá a cada dois anos.

Tudo que se relaciona com sexo é sujo, menor e deve ser praticado na sua intimidade... ou, senão, por artistas fora da lógica do edital. Da mesma forma que feministas, veganos e outres deram as mãos para fundamentalistas religiosos anos atrás em projeto que proibia o sacrifício de animais em rituais, penso que a vitória desta pauta anti-nudez e pró-lugar de fala deverá ser comemorada na Praça da República com pastores, galeristas, colecionadores, gays, padres, fanáticos, negros, *#metoo*, artistas, periféricos, instituições culturais, gente do teatro e famílias de bem. Todos unidos por um desejo comum: acabar co'essa putaria. Enchendo o cu de cerveja e dançando algum *hit* do momento, todos de olho no banheiro mais próximo ou com o pensamento em alguma pegação: é quase carnaval!

Porque, afinal, o mercado reagiu bem. **8=D**



Um membro a menos

por Filipe Chagas

Eunuco (do latim *eunuchus*, por sua vez do grego *εὐνοῦχος*, significando “vigilante da cama”) é o termo usado para um homem que teve sua genitália externa removida parcial ou totalmente, por motivação bélica, punição criminal ou imposição religiosa. Atualmente, a mutilação de um prisioneiro é considerada crime de guerra pela Convenção de Genebra. Da mesma forma, a mutilação genital por imposição religiosa é reconhecida como violação dos direitos humanos pela Organização das Nações Unidas.

Área genital de um homem de 19 anos com penectomia parcial sem relocação uretral. A penectomia foi realizada aos 12 anos por causa de uma necrose (gangrena de Fournier).

1. Hoje existe a castração química, uma forma temporária de castração pelo uso de medicamentos hormonais que atuam na libido. É usado tanto para tratar cânceres de próstata que sejam hormônio-dependentes, quanto como medida preventiva ou de punição àqueles que tenham cometido crimes sexuais violentos.

No universo psíquico, em breve resumo, a castração está ligada à falta, à privação e a imposição de limites, com desdobramentos nos Complexos de Édipo e Elektra.

2. Leia mais sobre esse tipo de cirurgia na seção Especial da **Falo #12**.

3. Leia mais sobre os testículos na seção Falocampse da **Falo #10**.

4. Leia mais sobre a testosterona na seção Falocampse da **Falo #8**.

São dois os processos que levam a conversão de um eunuco: a **emasculação** – remoção total do pênis (penectomia) e dos testículos (orquiectomia) e, portanto, da capacidade de cópula – e a **castração** – retirada¹ do produtor de hormônios sexuais (os testículos nos homens e os ovários nas mulheres). Em ambos os casos ocorre a esterilização, ou seja, a perda da capacidade reprodutora, contudo o homem ainda é capaz de urinar, pois a uretra interna permanecia intacta. A remoção também pode ocorrer em casos de cirurgias de redesignação sexual², acidentes graves ou doenças, como câncer³.

Se convertido a eunuco já adulto, o homem tem uma substancial perda hormonal em seu organismo, porém, ereções ainda são possíveis, já que uma pequena parte da testosterona⁴ (até 3%) é produzida pelas glândulas suprarrenais. Se convertido antes da puberdade, o homem torna-se incapaz de desenvolver os mínimos traços masculinos, como estrutura muscular e engrossamento de voz, devido a redução de testosterona em seu organismo⁵.



Parte do Retábulo de Gante (óleo em madeira de Van Eyck, 1432), que mostra anjos cantando, é uma representação dos *castrati*.

5. Essa foi uma prática bem comum do século 4 ao 18 entre os famosos *castrati*, cantores castrados na infância para preservar a voz aguda e corresponderem às vozes femininas, seja de soprano, mezzo-soprano ou contralto, já que não eram permitidas mulheres nos coros das Igrejas. Acredita-se que a prática tenha começado no Império Bizantino com cantores eunucos ficando bem conhecidos até o início do século 13, quando o saque de Constantinopla destruiu a capital e os *castrati* desapareceram. Seu retorno teria acontecido por demanda da Igreja no século 16. Nos séculos seguintes, as óperas barrocas eram muitas vezes escritas para os *castrati* no papel principal. Senesino, Farinelli e Caffarelli foram famosos *castrati*.

Muitos rapazes alvo da castração eram crianças órfãs ou abandonadas. Algumas famílias pobres, incapazes de criar a sua prole numerosa, entregavam um filho para ser castrado e receber estudo. Outros faziam em si mesmos pela honra de servir a Deus. Fontes dizem que muitas barbearias de Nápoles tinham à entrada uma placa escrita *Qui si castrano ragazzi* (Aqui castram-se rapazes).

No fim do século 18, a Europa iluminista já mostrava sinais de indignação com a prática. Jean-Jacques Rousseau se levantou contra os “pais bárbaros” que “entregam os filhos para o prazer de gente voluptuosa e cruel”. Em 1870, a prática de castração destinada a este fim foi proibida na Itália, o último país onde ainda era efetuada. Em 1902, o Papa Leão XIII proibiu definitivamente a utilização de *castrati* nos coros das igrejas: em 1931, saiu o último *castrato* no coro da Capela Sistina, Alessandro Moreschi.

PRÁTICA HISTÓRICA (E CRUEL)

Os primeiros registros de castração intencional para produzir eunucos são da cidade suméria de Lagash no século 21 a.C. A castração unilateral (monarquia, retirada de um único testículo) era conhecida no centro da Argélia, entre os egípcios, etíopes, sulfricanos, micronesianos e alguns aborígenes australianos.

Diversas civilizações utilizaram a castração humana como arma de guerra. Na Ásia, foi praticada desde o Império Assírio, na antiguidade, até o Império Coreano, na idade moderna. Jovens príncipes de reinos conquistados eram tomados ainda crianças como prisioneiros de guerra e convertidos em eunucos para serem utilizados como concubinas ou serviçais nos palácios, sendo os únicos homens com acesso à família real e às esposas do imperador. Tal prática tinha como objetivo desencorajar lideranças e frustrar o sentimento de independência em meio ao povo dominado.



6. Porque no Islã a castração é considerada pecado e estritamente proibida, quer alguém a pratique em si mesmo ou em outro. Na imagem, uma ilustração médica de Sharaf ad-Din, que descreve uma operação de castração (c. 1466).

Nos reinos muçulmanos, existiam centros de castração nas fronteiras do território não islâmico⁶ na crença que isso mantinha a terra pura. Aqueles que eram emasculados (e sobreviviam ao procedimento doloroso e quase sempre mortal) eram “privilegiados” com a função de guardiões do harém e ficavam isentos de trabalhos pesados. Usualmente eram os escravos africanos que passavam por esse procedimento por causa do tamanho dos pênis e isso fortaleceu a imagem ocidental dos eunucos negros abanando imperatrizes. O comércio árabe normalmente negociava a venda de escravos castrados, especialmente meninos negros na idade de 8 a 12 anos. O califado de Bagdá tinha mais de 7 mil eunucos negros e 4 mil eunucos brancos no início do século 10.

Os eunucos que conseguiam envelhecer na profissão chegavam a se tornar *kizlar agha*, uma espécie de terceiro homem do império – abaixo apenas do sultão e do califa –, exercendo grande poder político na corte. Acreditava-se até que eram menos corruptos por não terem descendentes para deixar heranças.

A prática também foi empregada como punição criminal. Entre os assírios, a homossexualidade era punida com a castração. Na Grécia Antiga, a conversão era imposta a quem reincidia em adultério ou em crime de estupro – provavelmente por conta do mito de Urano e Gaia (leia na página ao lado) –, embora os gregos também castravam serviçais domésticos para torná-los mais dóceis e inofensivos.

No Japão, a emasculação (*rasetsu*) poderia ser uma punição em substituição à execução ou um ato religioso realizado por sacerdotes budistas para garantir o celibato. Já a castração (*kyuukei*) era uma forma de punição para abusadores⁷.

A EMASCULAÇÃO DE URANO

Urano era a divindade grega que personificava o céu estrelado, a primeira divindade a assumir o controle do universo.

Na *Teogonia* de Hesíodo, o deus emergiu de Gaia (a Terra) de modo assexuado e imediatamente a recobriu com seu manto estrelado em toda a sua extensão, tornando-se então seu consorte (algumas leituras, o colocam como estuprador). A partir dessa união entre o céu e a terra, o mundo começou efetivamente a tomar forma. Juntos tiveram vários filhos, dentre eles os ciclopes, os hecantonquiros e os titãs.

Urano detestava seus filhos e temia ser destronado por eles. Assim, à medida que nasciam, aprisionava-os nas entranhas da Terra (o Tártaro) e se deliciava com essa crueldade. Isso causou uma grande dor em Gaia, que começou a conspirar contra o marido/filho. A deusa forjou uma afiada foice e ofereceu a Cronos, seu filho mais novo. O titã destemido se escondeu e, à noite, quando Urano recobriu Gaia, decepou os órgãos sexuais do pai com um só golpe de foice, lançando-os ao mar.

Algumas lendas, dizem que Cronos teve a ajuda de seus irmãos Jápeto, Hipérion, Ceos e Crios. Eles se posicionaram cada um em um dos quatro cantos da terra e seguraram um membro de Urano enquanto Cronos o emasculava. Cada irmão levou um membro do pai para governar um canto da terra: Jápeto foi para o oeste, Hipérion para o leste, Ceos para o sul e Crios para o norte.

Interessante dizer que Urano foi raramente considerado como antropomórfico – à parte a genitália do mito da emasculação. Do ponto de vista simbólico, Urano representa uma proliferação criadora desmedida e indiferenciada.



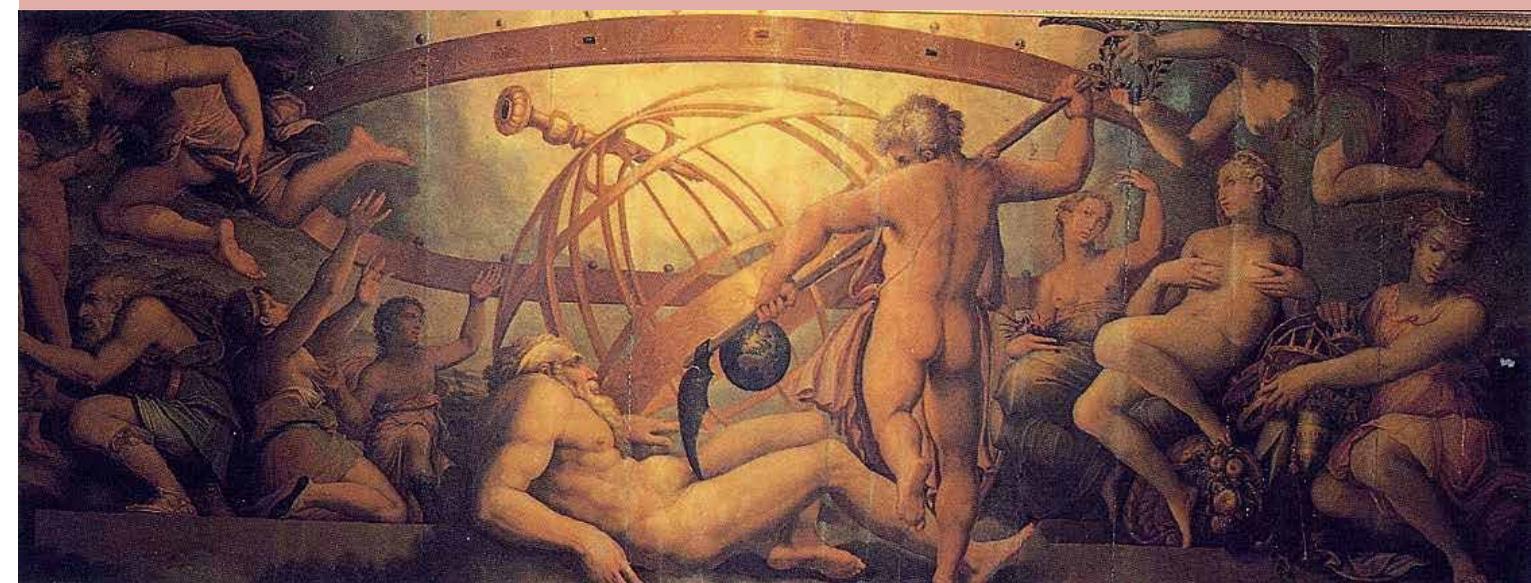
Cœ nupit' oste le mētome' a son pœs

Releitura medieval da emasculação de Urano.

Da tocaia o filho alcançou com a mão esquerda, com a destra pegou a prodigiosa foice longa e dentada. E do pai o pênis ceifou com ímpeto e lançou-o a esmo para trás.

Hesíodo

A Mutilação de Urano por Saturno, de Giorgio Vasari e Gherardi Christofano, século XVI.





8. A representação mais importante de Átis é a estátua em tamanho natural descoberta em Ostia perto da foz do rio Roma. A estátua é de um Átis reclinado, após a emasculação. Em sua mão esquerda está um cajado de pastor, em sua direita uma romã. Sua cabeça é coroada com uma guirlanda de pinheiro com frutas, raios de sol de bronze, e em seu gorro frígio há uma lua crescente.

A mitologia conta que a entidade frígia chamada Agdistis possuía atributos masculinos e femininos. Tementes de seu poder, os deuses gregos do Olimpo a emascularam: Agdistis tornou-se Cibele e seu pênis cortado virou uma amendoeira. Nana, filha de um deus frígio do rio, engravidou quando uma amêndoa caiu em seu colo, mas logo abandonou o bebê para ser cuidado por um bode. O bebê foi adotado e chamado de Átis. Conforme crescia, Átis chamava a atenção pela divina beleza de seus cabelos compridos e fez Cibele se apaixonar. Porém, seus pais o haviam prometido para a filha do rei de Pessinos. No momento em que a canção do casamento estava sendo cantada, Cibele apareceu em seu poder transcendente, o que fez Átis enlouquecer e cortar seus órgãos genitais. Arrepentida, Cibele transformou Átis em seu consorte e deus da vegetação: sua auto mutilação, morte e ressurreição, representa os frutos da terra que morrem no inverno para ressurgir na primavera.

9. Alguns estudiosos modernos consideraram os *galli* uma antiga interpretação ocidental do transgênero.

SEMPRE A RELIGIÃO...

Seitas religiosas também impuseram a prática como forma de alcançar a “espiritualidade”. Até mesmo a Heaven’s Gate – seita ufológica que causou suicídio coletivo em 1997 – realizou “castrações voluntárias” para a manutenção de um estilo de vida ascético.

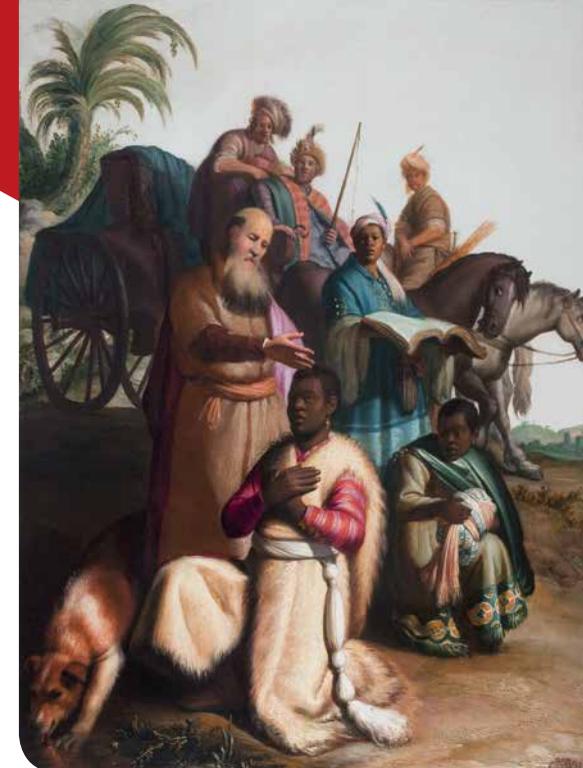
Na antiga região da Frígia – sudoeste da Ásia menor, hoje Turquia – o culto a Cibele e seu consorte Átis⁸ era realizado por sacerdotes eunucos chamados *galli* que tiveram considerável influência, com registros de suas relações políticas com vários reis. A castração acontecia sempre no dia 24 de março, em uma celebração chamada de Dia do Sangue (*Dies sanguinis*, para os romanos). Durante a preparação, os seguidores usavam cabelos longos e descoloridos, maquiagem pesada e vestiam-se de trajes femininos, em sua maioria amarelos, e uma espécie de turbante, além de pingente e brincos⁹. Imploravam por caridade nas ruas em troca de adivinhações do futuro. Na celebração principal – Dia de Luto por Átis – eles corriam descontroladamente, dançavam aos som de flautas e pandeiros e açoitavam-se até sangrar.

O culto chegou a Roma em 204 a.C., mas cidadãos romanos não podiam se tornar *galli*, pois a castração (*eviratio*) era proibida. Posteriormente, a sanção foi retirada, mas já havia *archigalli* sem a castração, escolhidos por um colegiado de sacerdotes (Quindécênviros dos Fatos Sagrados). Com a ascensão do Cristianismo, os antigos ritos foram considerados pagãos. Durante o Concílio de Nicéia ficou proibido que clérigos realizassem castração voluntária, mas aqueles que haviam sido castrados por outros contra sua vontade, por doença, necessidade médica, ou nascidos como eunucos eram aceitos.

“E que nenhum eunuco se queixe: ‘Não passo de uma árvore seca’. Pois assim diz o Senhor: ‘Aos eunucos que guardarem os meus sábados, que escolherem o que me agrada e se apegarem à minha aliança, a eles darei, dentro de meu templo e dos seus muros, um memorial e um nome melhor do que filhos e filhas, um nome eterno, que não será eliminado.’”
(Isaías 56:3-5)

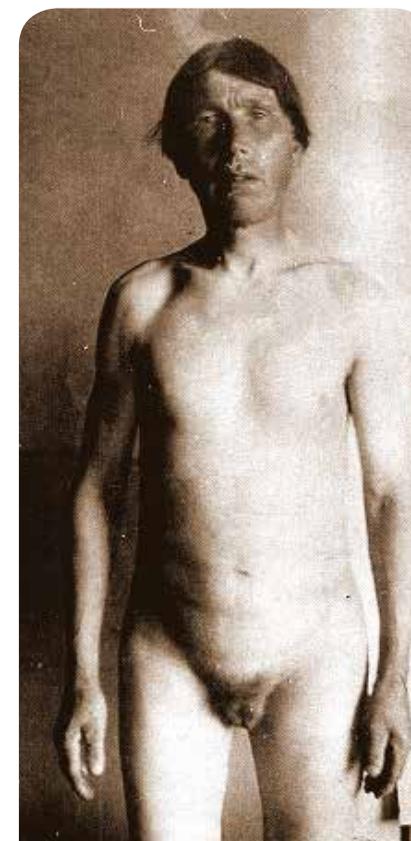
Em Atos (8:26-39), conta-se a história de Filipe, o Evangelista, que teria batizado um eunuco etíope e, conseqüentemente, inaugurado a Igreja Ortodoxa na Etiópia. Todavia, as interpretações da Bíblia fizeram loucuras¹⁰. Por exemplo, no século 3, a organização religiosa jordaniana denominada *Valesii* pregava castração à seus seguidores como forma de alcançar o Espírito Santo.

Entre os séculos 18 e 20, a Rússia foi sacudida pela seita cristã *Skopty* (“castrados”, em russo). Eles acreditavam que os órgãos genitais humanos eram uma marca do pecado original e que, após a expulsão do Jardim do Éden, Adão e Eva tiveram as metades do fruto proibido enxertadas em seus corpos, formando testículos e seios. Assim, a remoção desses órgãos sexuais restauraria os seguidores ao estado primitivo antes do pecado original. Eles realizavam o que chamavam de “selo menor” (castração) e o “selo maior” (emasculação) em um “batismo de fogo” – ou seja, uso de ferro em brasa para realizar os procedimentos – onde, no fim, gritava-se “Cristo ressuscitou!”. Posteriormente, passaram a usar facas e navalhas com o ferro quente servindo para cauterização e a torcer o escroto para destruir as vesículas seminais e interromper o fluxo de sêmen.



O batismo do eunuco, óleo em painel de carvalho de Rembrandt, 1626.

10. No século 2, Tertuliano chegou a traduzir erradamente textos bíblicos colocando Jesus e Paulo como castrados ao invés de virgens, o que gerou algumas outras seitas ortodoxas radicais. E nem falamos da “castração católica” ocorrida nas obras de arte a partir do século 16. Leia sobre isso na seção *Falorragia* da **Falo #6**.



Homem *skopty*.



Ilustração de Orígenes de Alexandria se emasculando, séc. 15.

Os skoptsy seguiam as palavras de Mateus:

Ai do mundo, por causa das coisas que fazem cair no pecado! É inevitável que tais coisas aconteçam, mas ai daquele por meio de quem elas acontecem! Se a sua mão ou o seu pé o fizerem tropeçar, corte-os e jogue-os fora. É melhor entrar na vida mutilado ou aleijado do que, tendo as duas mãos ou os dois pés, ser lançado no fogo eterno. E, se o seu olho o fizer tropeçar, arranque-o e jogue-o fora. É melhor entrar na vida com um só olho do que, tendo os dois olhos, ser lançado no fogo do inferno. (Mateus 18:7-9)

Alguns são eunucos porque nasceram assim; outros foram feitos assim pelos homens; outros ainda se fizeram eunucos por causa do Reino dos céus. Quem puder aceitar isso, aceite. (Mateus 19:12)¹¹

Porém, o Antigo Testamento também diz que “qualquer que tenha os testículos esmagados ou tenha amputado o membro viril não poderá entrar na assembleia do Senhor” (Deuteronômio 23:1). Com o avanço da liberdade individual e maior acesso à educação, estes grupos radicais perderam espaço e foram, em sua grande maioria, extintos.

11. Este versículo também foi utilizado no século 3 para difamar Orígenes de Alexandria. O importante teólogo e estudioso do início do Cristianismo foi acusado de “ter feito uma castração para se tornar mais devoto a Deus, porém, isso o teria feito se aproximar de Satã”.

Hijras.



Na Índia, a comunidade hinduísta denominada *hijra* impõe a emasculação (*nirwaan*) como forma de agradar a deusa Bahuchara Mata. Segundo a tradição hindu, os *hijras* tem grande facilidade para “abençoar ou amaldiçoar”, o que torna esta comunidade temida e respeitada. Em 2014, a suprema corte de justiça do país definiu os *hijras* como pertencentes a um “terceiro gênero”, tornando a situação hindu única na história da antropologia.

Os rituais de castração são praticados pelas sacerdotisas especializadas e treinadas para tal, usando uma adaga cerimonial com o devido cuidado para manter os homens vivos. Depois de castrados, os eunucos são obrigados a vestir-se e portar-se como mulher e marcados para servir fielmente àquela que os castrou, já que as mesmas devem permanecer virgens por toda vida.

Existem outras duas formas de se tornar um *hijras*: meninos que sofreram abuso sexual muitas vezes são conduzidos pelas próprias famílias aos líderes da seita; e parceiros infiéis que são castrados por algumas mulheres treinadas nas artes da sedução. Isso levou a ONU e várias ONGs questionarem a seita, inclusive com acusações de coação, sequestro, exploração sexual e ameaças contra indivíduos socialmente vulneráveis, como andarilhos e usuários de drogas.

ENTRE OS PODEROSOS

Há registros de eunucos nas cortes de várias civilizações antigas. Entre os hititas, sabe-se que eunucos chegaram até a ser regentes em casos de herdeiros menores de idade. O eunucismo político era uma instituição estabelecida entre os persas: Bagoas foi o vizir (primeiro ministro) eunuco do Império Aquemênida, o primeiro império persa. Como consequência, o Império Bizantino tinha um grande número de eunucos empregados em funções domésticas e administrativas, organizados como uma hierarquia separada com uma carreira paralela própria. Os arquieunucos – encarregados de um grupo de eunucos – estavam entre os principais oficiais em Constantinopla.

Conhecido por colocar fogo em Roma, o famoso e cruel Nero tem uma história de paixão por um *puer delicatus* (jovem escravo dos cidadãos romanos mais importantes) chamado Esporo. O imperador achava o jovem muito parecido com uma de suas ex-esposas, Poppaea Sabina, que ele havia espancado até a morte mesmo grávida. Em um possível remorso, Nero alforriou Esporo e passou a chamá-lo pelo nome da ex-esposa.

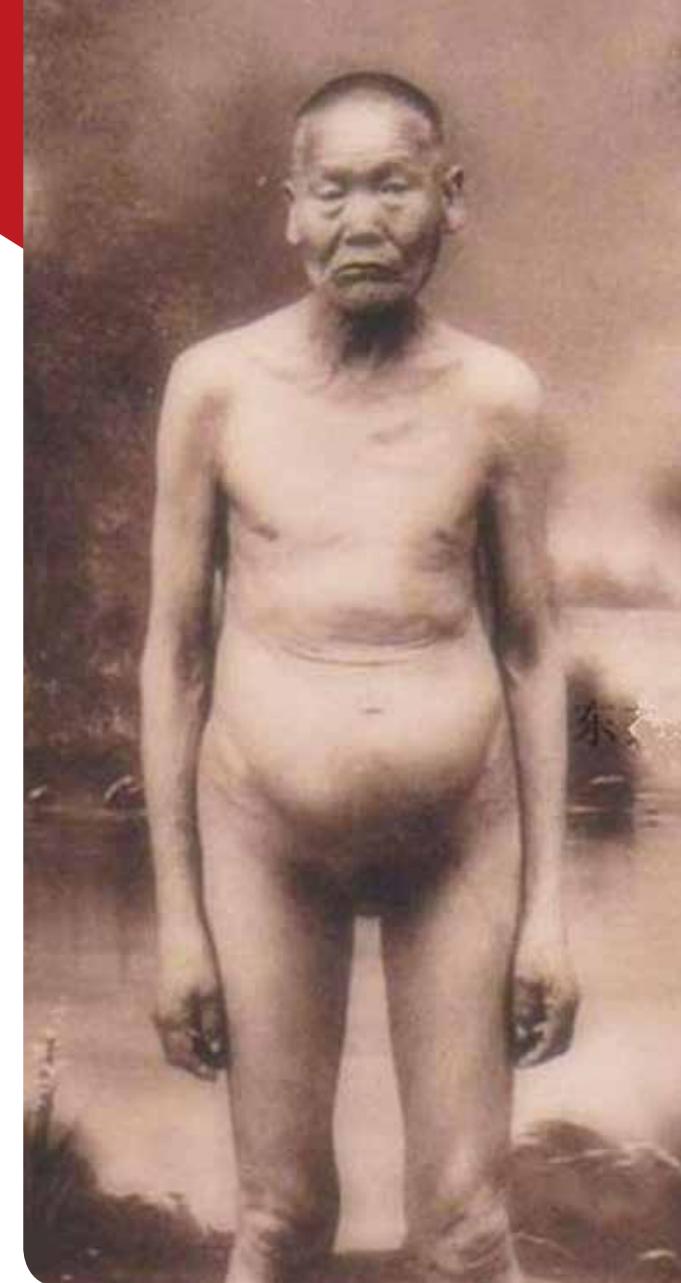
O jovem foi castrado e teve que se casar com Nero em uma cerimônia tradicional, sendo tratado como uma verdadeira imperatriz, cheio de itens luxuosos e serviços para atendê-lo. Não há registros que comprovem se Esporo realmente gostava da situação, principalmente porque ele precisava aceitar os desejos violentos do marido imperial bem como o grande número de amantes.¹²

12. Um relato diz que Esporo colocou no cadáver de Nero um anel com um enfeite que representava a deusa Proserpina, a deusa que fora raptada por Plutão e obrigada a viver como sua esposa. Após a morte do imperador, o jovem ficou a mercê de vários homens que queriam sentir os prazeres que Nero teve em vida e que almejavam altos cargos públicos. Para evitar a humilhação constante, Esporo tirou a própria vida aos 20 anos.

Na China, os eunucos apareceram por volta de 1050 a.C., durante a dinastia Chou, quando a castração foi incluída nos códigos legais chineses como forma de punição. Os condenados eram obrigados a trabalhar de graça¹³ abrindo estradas, construindo pontes e servindo aos nobres. Um velho ditado dizia que só havia uma coisa pior do que nascer mulher: virar eunuco. Pu Yi (1906-1967), o último imperador, registrou em seu diário que espancar eunucos fazia parte da rotina e que, para espantar o tédio, atirava neles com sua espingarda de chumbinho.

13. Diz-se que o famoso exército de terracota chinês foi feito por escravos eunucos.

14. Existia também a castração por compressão feita em crianças bem pequenas. Os testículos eram amarrados e apertados três vezes ao dia. Com o tempo, o desenvolvimento genital seria prejudicado e afetaria inclusive a produção hormonal, fazendo com que a criança adquirisse características físicas femininas.



Eunuco chinês do período Ming.



Os dois importantes personagens eunucos da série *Game of Thrones* (2011-2019): **Varys** (Conleth Hill), foi conselheiro de reis e tinha uma rede de informantes; e **Verme Cinzento** (Jacob Anderson), comandante de um exército letal formado somente por eunucos. Observação: os atores não são eunucos na realidade.



Os genitais eram colocados numa vasilha em salmoura e devolvidos ao dono, que precisava apresentá-los aos superiores no palácio, comprovando a castração. A vasilha podia ser solicitada durante uma inspeção, ou sempre que o funcionário fosse promovido. Esta exigência gerou um mercado paralelo de genitais removidos. Em caso de perda ou furto – não era raro um eunuco roubar e destruir o “precioso” do rival, para impedir o avanço de sua carreira – era preciso substituí-lo, pedindo emprestado a outro eunuco ou recorrendo a cirurgiões inescrupulosos que coletavam genitais extirpados para alugá-los ou vendê-los a preços que podiam chegar a 1,5 kg de prata.

Tem-se registro de vários eunucos que, com o tempo, passaram a controlar a burocracia, fazendo fortuna e conseguindo prestígio e poder, muitos por meio de conspirações. Durante a dinastia Ming, a castração foi frequentemente usada como arma de guerra. Em 1949, quando os comunistas tomaram o poder, os castrados

viraram símbolo da decadência e foram isolados em asilos. O último eunuco chinês, Sun Yaoting¹⁵, morreu em 1996, pouco antes de completar 94 anos de idade, num templo em Pequim, onde vivia. Por conta de toda essa história, a China possui um museu dedicado aos eunucos.

Os eunucos da Coreia, chamados *Naesi*, foram funcionários da realeza e possuíam um departamento hierárquico. Diz-se que a castração consistia em passar fezes nos órgãos genitais de um menino para que um cachorro os arrancasse. Posteriormente, com os eunucos se tornando uma mercadoria desejável para tributos, as mordidas de cachorro foram substituídas por técnicas cirúrgicas mais sofisticadas.

15. Sun Yaoting foi castrado com apenas oito anos pelo próprio pai para servir como eunuco na corte da dinastia Qing.

NA CABEÇA DE CIMA

A castração chegou a ser documentada na história como procedimento terapêutico para reduzir efetivamente os sintomas de esquizofrenia, psicose, comportamentos violentos, parafilias, mania, libido hiperativa, e até mesmo calvície e apnéia, além de reduzir a incidência de várias doenças sexualmente transmissíveis por meio da eliminação ou redução da atividade sexual. Contudo, sabe-se hoje que alguns homens desejavam a castração por disforia de gênero, dismorfia corporal¹⁶ ou apotemnofilia (excitação sexual por automutilação).

Em 1913, considerou-se a automutilação como um substituto psicótico da masturbação. Somente em 1938, essa autodestrutividade foi entendida como “desejo de morte atenuado”, um comportamento suicida parcial. Após Freud, a automutilação se tornou uma pulsão psico-sexual.

A Síndrome Escópica¹⁷, por exemplo, é uma condição psíquica que envolve automutilação genital. Encontrada no quarto volume do Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM, da Associação Americana de Psicologia), pode ser motivada por uma culpa sexual intensa, na qual os órgãos genitais são identificados como responsáveis, o que leva ao desejo de remoção ou lesão deles.

16. Leia mais sobre Dismorfia Corporal na seção *Falorragia da Falô #8*.

17. O termo é uma referência à seita *Skoptzy*.

TRANSPLANTE PENIANO e FALOPLASTIA

O primeiro transplante peniano foi realizado em 2006 em um hospital militar chinês. O paciente de 44 anos sofreu a perda da maior parte de seu pênis em um acidente. O pênis transplantado veio de um homem de 22 anos com morte cerebral. Apesar do sucesso cirúrgico, o paciente e sua esposa sofreram trauma psicológico em decorrência do procedimento e tiveram a cirurgia revertida 15 dias depois.

O primeiro transplante de pênis bem sucedido foi realizado em um homem de 21 anos em 2014 na Universidade de Stellenbosch, África do Sul. O paciente havia perdido seu pênis aos 18 anos em um procedimento de circuncisão mal feito como rito de passagem para a fase adulta (frequentemente anti-higiênicos, realizados por amadores não certificados). Em 2015, foi relatado que o paciente concebeu um filho com sucesso. A universidade sul-africana é o único centro médico do mundo a ter concluído com sucesso dois transplantes penianos (o outro ocorreu em 2017).



Imagem de um pênis reconstruído utilizando retalho da coxa. (Kamol Hospital)

No entanto, um reimplante peniano chegou aos jornais de todo mundo bem antes disso, em 1993, quando Lorena Bobbit, após anos supostamente sendo estuprada e espancada, cortou o pênis de seu marido, John Wayne, com uma faca enquanto ele dormia. Ela fugiu com o membro cortado e, depois de um tempo dirigindo, jogou-o pela janela em um campo à beira da estrada. Quando finalmente parou, ligou para a emergência, contou sobre o ocorrido e deu a localização do pênis. Após exaustiva busca, o pênis foi encontrado, devidamente higienizado e reimplantado. Para fechar a história: depois de ser absolvido da acusação de estupro, John Bobbitt estrelou dois filmes pornô.

Se a recolocação do pênis retirado não for possível (em menos de 24 horas, como em Bobbitt), os médicos podem reconstruí-lo a partir de músculo e pele enxertados de outra parte do corpo, como o antebraço. A primeira reconstrução total de um pênis tem registro

em 1936 pelo cirurgião russo Nikolaj Bogoraz, usando cartilagem de costela em um falo reconstruído a partir de um retalho abdominal em tubo. Um implante peniano sempre é necessário para que a ereção e a ejaculação sejam possíveis. Os resultados ainda não são muito satisfatórios, mas podem ser necessários em algumas situações.

O caso recente de Andrew Wardle – britânico de 44 anos que nascera com extrofia vesical de bexiga, má formação que atinge a uretra e a bexiga, que fica exposta para fora do abdômen – chamou a atenção do mundo com a manchete “Homem com pênis biônico finalmente vai perder a virgindade”. Depois de passar por inúmeros procedimentos cirúrgicos, em 2018, Andrew recebeu seu “pênis biônico”, criado a partir de pele, músculos e nervos de seu braço esquerdo e da veia de sua perna direita. Já sua primeira experiência sexual não foi nada fácil: após a liberação médica, ainda teve que esperar seis semanas e permanecer com ereção por dez dias (Andrew usa um botão na virilha para inflar o pênis artificial).

Em julho de 2020, os mesmos médicos de Andrew começaram a preparar mais um transplante peniano. O britânico Malcolm MacDonald perdeu o pênis em um infecção de períneo que necrosou e hoje ele já está com o pênis em seu braço (para evitar rejeições), aguardando o momento do transplante.

Entretanto, parece que teremos novidades no futuro: em 2009, bioengenheiros estadunidenses transplantaram pênis modificados geneticamente em 12 coelhos. Todos eles acasalaram e quatro produziram filhos. Foi o pontapé inicial para a produção de pênis humanos modificados pela bioengenharia. **8=D**

AFALIA ou AGENESIA PENIANA

É uma malformação congênita na qual o pênis está ausente e a uretra se abre no períneo. É uma condição rara (1 em 20 milhões) relacionada a uma falha na formação do tubérculo genital fetal entre 3 e 6 semanas após a concepção, sem ligação com quantidade ou ação hormonal deficientes.

Homens com afalia, mas testículos normais, têm aparência masculina normal. Homens com afalia e agenesia testicular tendem a não produzir hormônios sexuais e, como resultado, tendem a ter uma aparência pré-púbere, com textura de pele infantil e poucos pelos no corpo. O desenvolvimento muscular também é retardado e os agênicos testiculares são de constituição bastante frágil, com membros curtos e mãos e pés pequenos. No entanto, certas características masculinas são resultados de outros hormônios marcadores de gênero masculino e permitem o desenvolvimento de características sexuais secundárias masculinas, como o aprofundamento da voz e pelos faciais.

Hoje a afalia é classificada como uma condição intersexual atribuída ao gênero masculino, conhecida pela gíria *nullo* (de *nullification*, anulação). Todavia, mesmo em bebês nascidos com testículos, a afalia já foi uma justificativa histórica para a designação sexual coercitiva da criança como mulher, o que causou profundos problemas de identidade de gênero*.

* O canadense David Reimer se tornou um caso de grande mídia. Uma circuncisão mal feita e um direcionamento psicológico equivocado realizado pelo famoso sexólogo John Money fizeram com que a família decidisse o sexo de David pelo feminino e, além da emasculação, uma vagina foi construída. O sexólogo acabou usando Brenda (David) em suas experiências de forma abusiva e, somente aos 15 anos, seus pais contaram sobre seu nascimento. A partir desse momento, ele assumiu sua masculinidade, iniciou a reversão hormonal e realizou uma faloplastia. Posteriormente, casou-se e adotou crianças. No entanto, ao optar por levar sua história a público, gerou uma miríade de consequências que o levaram ao suicídio.

O *nullo* mais conhecido foi Will Golden (foto), que postava constantemente fotos nuas para elevar os debates sobre sexualidade e corpo. Mas o termo *nullo* (ou *smoothie*) se refere também a uma subcultura de modificação corporal extrema composta principalmente por homens que tiveram seus órgãos genitais (e às vezes também seus mamilos) removidos cirurgicamente. Há mulheres que também voluntariamente suturam a vagina e o clitóris é removido. O caso mais famosos é de Mao Sugiyama, um artista japonês e ativista assexual que em 2012 teve seus órgãos genitais removidos cirurgicamente, cozinhados e servidos para seis convidados pagantes (um desistiu) em um banquete público visualizado por mais de 70 pessoas.

“Por favor, *retuitem*. Estou oferecendo meus genitais (pênis, testículos, escroto) em um jantar por 100 mil yen. Vou preparar a refeição da forma como o comprador escolher e no local de sua escolha” – postagem de 2012 de Mao Sugiyama.



Fotos da refeição preparada mostraram um pênis fatiado, uma pele escrotal com três milímetros de pelos pubianos e um testículo fatiado, acompanhados de salsa e cogumelos.

Anônimo

Você nunca imaginaria que um simples e perturbador banner sobre autoexame testicular na parte inferior do Hotmail Messenger poderia salvá-lo do que seria o pesadelo da sua vida

e, no mês seguinte, já descobrir uma massa em suas partes íntimas. Lembro-me do médico dizer que não tinha o que me preocupar, mas me deu um pedido de ecotomografia “por precaução”. Se não fosse o radiologista da eco, eu provavelmente não estaria aqui narrando estes fatos. Foi ele quem me alertou para a gravidade da situação.

Duas semanas depois, voltei ao mesmo centro médico para uma segunda opinião. Era 12 de dezembro de 2001, o dia em que tudo começou. Eu tinha apenas dezenove anos e, como qualquer pessoa que está prestes a começar a faculdade, estava cheio de sonhos. No entanto, quando dizem que você tem um tumor em um dos testículos, as coisas mudam drasticamente para sempre. Que coisas? Tudo! Sua mente, sua alma, sua fé e seu corpo com todas as cicatrizes são a prova de suas batalhas e experiências vividas.

Lembro-me apenas de algumas coisas, como, por exemplo, as palavras que saíram da boca do médico enquanto me examinava: “Há um tumor em seu testículo direito e você precisa extirpá-lo amanhã”. “O quê? Não podemos fazer isso em algumas semanas? Depois do Natal?”, eu sugeri. “De jeito nenhum! Você fará sua admissão no hospital assim que sair deste consultório e um urologista passará no seu quarto para explicar o procedimento”, acrescentou. Você já esteve em uma situação estressante inesperada a ponto de fazê-lo engasgar? Quando

o médico me auscultava, eu engasgava toda vez que ele me pedia para expirar. “Relaxe. Não dê muita importância a esta situação”, ele sugeriu enquanto continuava a me verificar. Mas eu estava em pânico! Eu mal sabia que havia um caroço e, de repente, para saber se era cancerígeno ou não, tinha a primeira de várias cirurgias agendadas para o dia seguinte! A única coisa que o médico sabia era que tínhamos que agir imediatamente para salvar o testículo ou retirá-lo em caso de um cenário ruim. Para ser honesto, naquele momento, perder um testículo não era uma preocupação, pois sabia que poderia viver só com um.



No dia seguinte à cirurgia, o urologista veio ao meu quarto e disse que teve que fazer o plano B, a orquiectomia parcial, porque não havia como salvá-lo. Mas a história ainda não havia chegado ao fim: três semanas depois foi confirmado pela biópsia que o tumor era maligno e tive que voltar para a sala de operação, pois era preciso confirmar que o câncer não havia se espalhado. Infelizmente, quimioterapia foi o caminho a percorrer.

Quando você é diagnosticado com algo tão terrível, nada mais parece importar. Você não tem tempo nem energia para se concentrar em outros aspectos da vida. Esperava que tudo funcionasse a meu favor, mas, por outro lado, estava petrificado com a ideia de não conseguir superar tudo isso. Estava tão bravo com o mundo! Felizmente, Deus não apenas colocou as pessoas certas ao meu lado, mas também me deu forças para passar pelo tratamento e seus efeitos colaterais a fim de derrotar o câncer pela primeira vez na minha vida.

Sim... primeira vez... porque, nove anos depois, fui diagnosticado com câncer testicular pela segunda vez.

Naquele momento, nada parecia fazer sentido, como se o destino estivesse pregando uma piada de mau gosto, que talvez a primeira vez não tivesse sido suficiente. De acordo com os médicos, era um câncer diferente do anterior, então, o tratamento consistiu em radioterapia e nenhuma quimioterapia, o que definitivamente tornou as coisas mais suportáveis.

No entanto, o principal problema para o urologista não era somente o câncer, mas a retirada do único testículo que eu tinha, porque o tumor estava localizado dentro dele. Mesmo tendo



vivido perfeitamente bem com um só por quase uma década, ele explicou cuidadosamente como seria a nova situação, afirmando que pacientes com meu diagnóstico recebiam implantes para diminuir qualquer tipo de ruína emocional ou psicológica devido à nova condição física. Destacou que, apesar dessa “nova condição”, minha vida sexual não

seria afetada, desde que eu controlasse o nível de testosterona regularmente. Também me incentivou a congelar espermatozoides para ter filhos no futuro.

Para ser honesto, eu estava tão cansado de lidar com o câncer que só queria me livrar dele, mas, do ponto de vista médico, não é tão simples: não importa qual seja sua condição de saúde, remover o órgão reprodutor sem razões médicas consistentes é considerado castração. Como nunca quis ter filhos, não poder ser pai era algo irrelevante (curiosidade: acabei tentando, mas minha amostra de esperma tinha baixa mobilidade e não valia a pena preservá-la).

Em breve, vou completar uma década nessa nova “condição” e posso dizer que nunca me senti mais homem do que agora. Parece clichê, eu sei, mas é a verdade. Meus testículos não definem minha sexualidade, mas não posso negar que os implantes me ajudaram a reconstruir minha confiança.



Guilherme Corrêa convida Ricardo Rodrigues

FALATÓRIO

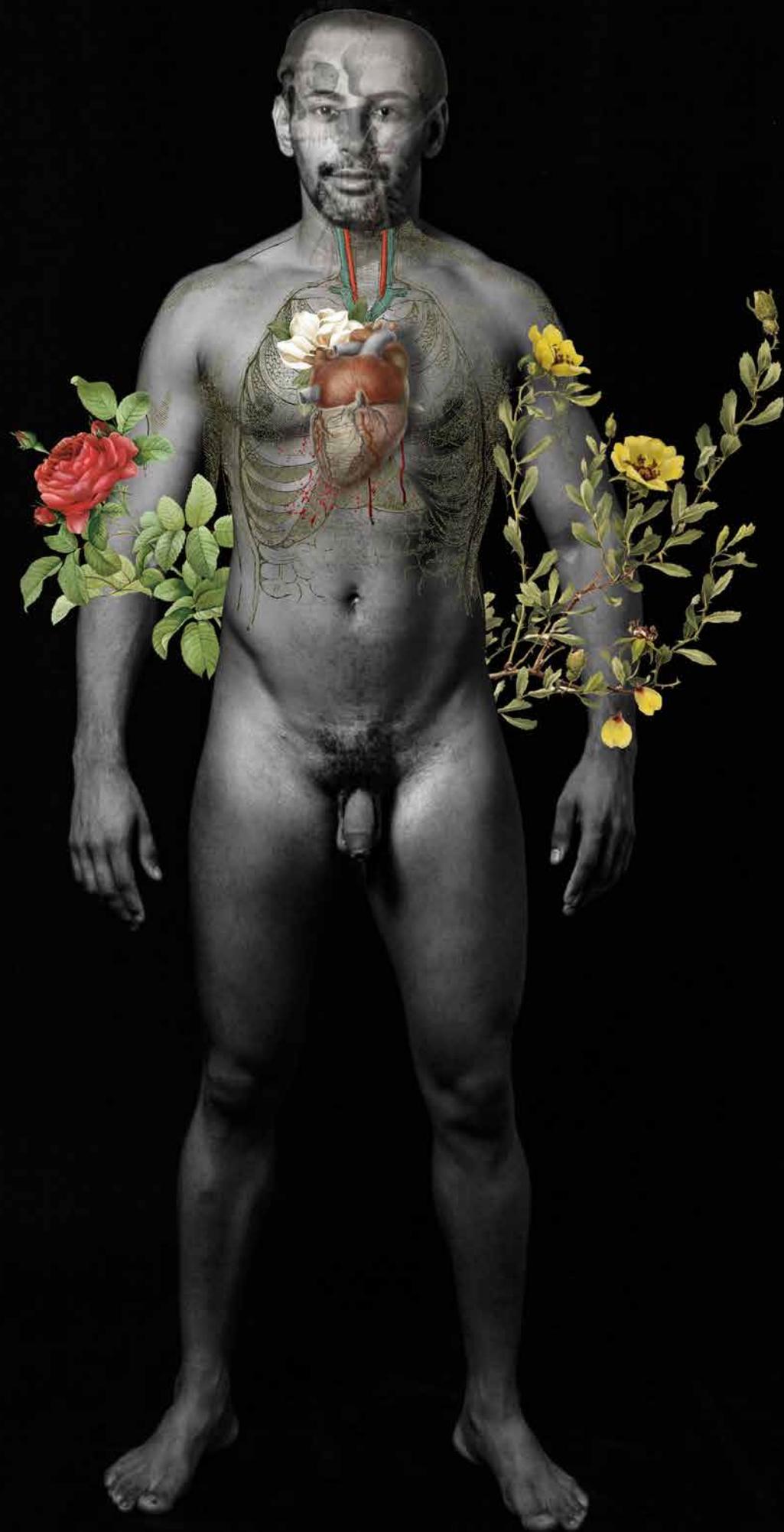


Foto: Guilherme Corrêa. | Modelo: Leandro Tuke.

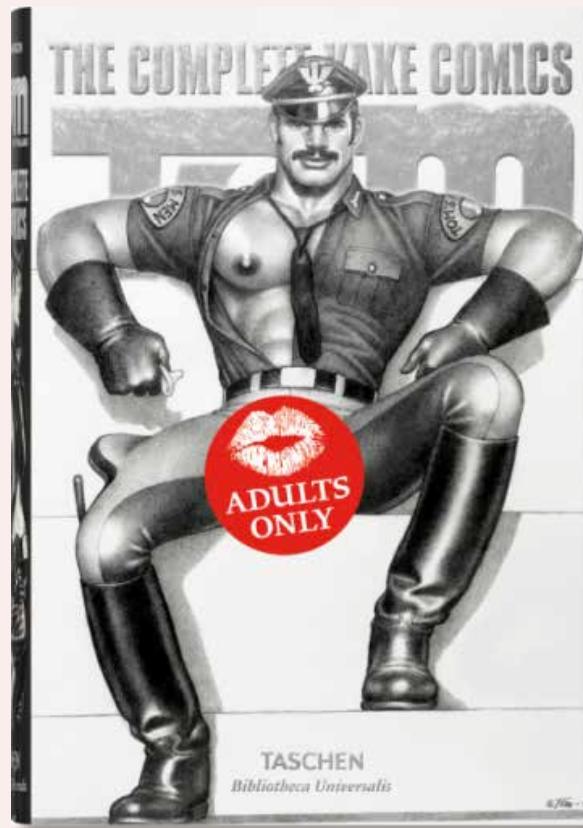
The complete Kake Comics

de Tom of Finland / Taschen (2019)

Como vocês leram na seção *Falo de História* desta edição, **Tom of Finland** foi de grande importância para a afirmação gay e para a liberação sexual no pós-guerra. Talvez, ao ver uma coletânea como essa – maravilhosamente trabalhada pela Taschen, como sempre – isso fique ainda mais claro.

É importante dizer que sim, Tom of Finland criou um estereótipo que tem sido combatido nos dias de hoje: o sarado pauzudo. Os ideais de diversidade de corpos e *body positivity* do século 21 talvez fizessem Tom repensar a imagem corporal que criou, mas ele jamais alteraria a felicidade, o orgulho e o acolhimento das expressões dos personagens. Dito isso, por mais que as imagens falem por elas mesmas, é preciso contextualizar. Por isso, realmente sugiro que seja lida a história de Tom nesta revista.

Em 1965, ele começou a pensar em um personagem recorrente para suas histórias: seu “homem definitivo”. Experimentou um loiro chamada Vicky (nome masculino comum na Finlândia, mas que foi rebatizado de Mike para o mercado americano). Somente em 1968, Tom estabeleceu **Kake***, um homem de bigode e cabelos escuros, hipermasculinizado, usuário de couro e botas altas, que costumava usar uma justa camiseta branca justa escrita “Fucker” – o que de fato ele era, uma vez que suas histórias narravam suas aventuras de motocicleta para liberar o sexo gay. O primeiro episódio de Kake com 20 páginas (*O Intruso*) foi publicado na Dinamarca no mesmo ano. A Tom of Finland Foundation conseguiu encontrar e preservar a maioria das histórias originais e esta coletânea possui **TODAS as 26 aventuras de Kake**, desde o primeiro episódio até as 30 páginas finais “Escritório com excesso de sexo”, lançado em 1986.



Capa da coletânea

* Pronuncia-se *Cocky*, termo inglês para *convencido* e vem da palavra *cock*, que significa *galo* ou *pênis*.

Página do episódio *Zona de Carga, caneta e tina no papel* (Kake 17), 1975.



Tom sempre disse que seu objetivo era mostrar homens orgulhosos de fazerem sexo com outros homens. Seus personagens foram os primeiros a quebrar a barreira do afeto, beijando e acariciando, numa época pós-Stonewall de sexo despreocupado.

Ao entender a necessidade que Tom tinha de libertar seus próprios desejos, as histórias de Kake ficam claras. A liberdade está em todos os quadros, seja na relação amorosa (mesmo em atos de BDSM) ou na verstatilidade sexual, e transborda pra fora do desenho. Sem qualquer diálogo textual, as ações e os olhares levam você para um cinema mudo, onde sua imaginação – que se liberta de vez já na segunda história – cria conversas, sons e, porque não, trilha sonora.*

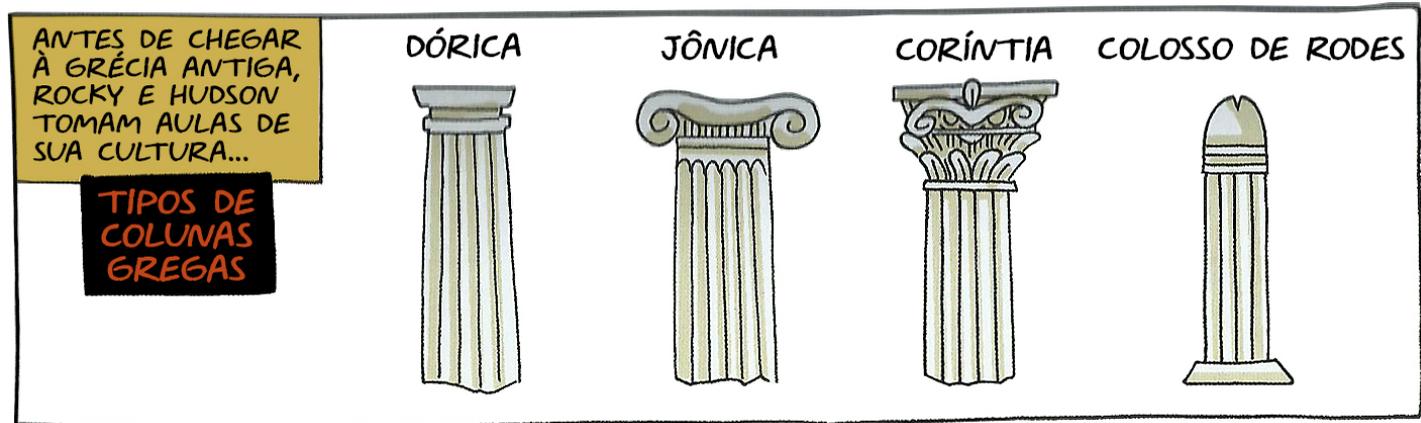
É impossível não ser afetado por isso e também pelos fetiches desse tímido finlandês: até que não tem tesão por couro ou uniformes acaba de perna bamba! Aliás, o mundo fetichista o recebeu (e ainda o abraça) de braços abertos.

A Taschen já é conhecida por suas belas coletâneas de arte e design com imagens exclusivas. Essa não é diferente. **8=D**

* Você não perdeu um dos episódios na seção *Falo de História* desta edição, né?



SHOP ONLINE www.falo-magazine.redbubble.com



Rocky e Hudson são os famosos caubóis gays de Adão Iturrusgarai. Além de livro, recentemente ganharam uma animação no Canal Brasil.





Passei dos 50 e, apesar de ter um relacionamento que dura mais de dez anos com um parceiro 20 anos mais jovem, sinto cada vez menos vontade de fazer sexo mesmo ainda existindo muito tesão. Isso começou a acontecer desde que tive alguns episódios de perda da ereção...

A.L. Rio Branco/AC.



A primeira coisa a se enfatizar é a questão de como você vem lidando com o seu próprio envelhecimento associado ao fato de namorar alguém mais jovem. Questiona-se acerca de uma possível insegurança não apenas em relação a dar conta do sexo, mas também referente ao processo de modificações pelo qual seu próprio corpo vem passando. Em nossa cultura, homens e mulheres idosos podem ser psicologicamente afetados pelos ajustamentos fisiológicos de sua resposta sexual. Muitos que ignoram as mudanças normais da sua conduta sexual decorrentes da idade podem crer, erroneamente, que estão se tornando impotentes.

Para cada idade há um tipo diferente de qualidade e intensidade da atividade sexual. A maior diferença entre a resposta sexual de homens jovens e homens mais velhos é a duração de cada uma das fases do ciclo sexual. Enquanto no jovem a ereção é imediata, a penetração é precoce e a ejaculação mais rápida; no idoso o processo da ereção é lento, mas, uma vez alcançada, pode ser mantida por um bom período sem ejaculação.

Para resolver as eventuais dificuldades sexuais devidas ao envelhecimento, o diálogo, esclarecimento, entendimento e aceitação são de suma importância. Com esses elementos, os casais podem aprender as formas de utilizar as diferenças e as mudanças, a fim de solidificar a intimidade e aumentar o prazer e a satisfação que cada um pode oferecer ao outro.

Quando se envelhece a pessoa começa a ter bem presente a inevitabilidade da morte e os limites concretos de suas possibilidades para a realização de sonhos. A morte deixa de ser algo distante e a vida passa a ter anos, meses, dias e até horas quantificáveis. Aliado a isso aparecem questões que precisam de atenção: preocupação econômica, fadiga mental e física, comer e beber excessivamente, enfermidades, monotonia da relação sexual e temor de desempenho que se instaura a partir do medo de fracassar sexualmente fazendo até a pessoa evitar o ato sexual. Diante desse universo de possibilidades o mais indicado seria você buscar ajuda psicológica caso não encontre vias de melhora por conta própria.



Há algum tempo comecei a usar drogas na hora de transar e agora não consigo me desvincular disso. Acredito que meu prazer sempre é maior quando estou usando alguma substância, mas entendo o quão prejudicial isso acaba sendo para mim. O que devo fazer?

B.C. Salvador/BA

A grande dificuldade para desvincular o uso de drogas da atividade sexual é que apenas o conhecimento sobre os prejuízos que essa associação faz podem não ser suficientes para impedi-la de continuar a acontecer. É importante aumentar as intervenções para muito além do caráter informativo do tema, avaliando e monitorando as vulnerabilidades existentes dentro do seu próprio contexto de vida e da sociedade civil como um todo. Isso pode ser feito através de programas de tratamento para dependentes químicos, grupos de ajuda ou iniciando um processo de terapia.

Explicando de maneira mais didática: o álcool, por exemplo, é presença quase obrigatória em contextos sociais, sendo conhecido por seu efeito de desinibições que traz para muitos homens atitudes de hostilidade em relação às mulheres e aceitação de mitos de abuso e estupro (ex: mulher na balada bebendo certamente quer transar), deixando-as mais vulneráveis a agressões sexuais.

Quando se fala em questões do público LGBT existem outras especificidades relacionadas ao estilo de vida desse grupo, como os preconceitos e estigmas por conta de suas orientações, dificuldades de acesso a alguns serviços e padrões de uso de drogas como fuga de uma realidade difícil e ameaçadora.

Por isso o processo de desvincular a droga como um ingrediente importante na vida de uma pessoa deve ir muito além do treinamento de conscientização. Acaba sendo um movimento que envolve algumas camadas sociais de variadas vertentes e complexidades diversas.

Busque ajuda especializada para começar a desenvolver o autoconhecimento necessário e ser direcionado a partir da análise do seu contexto de vida para quais os melhores meios e soluções do seu caso.

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

www.benfeitoria.com/falomagazine

www

AMIGO DA FALO

R\$10,00/mês

Nome registrado na revista

PARCEIRO DA FALO

R\$15,00/mês

Além do nome na revista, receberá por e-mail um spoiler da próxima edição.

VIP DA FALO

R\$20,00/mês

Além do nome na revista, receberá a próxima edição por e-mail antes do lançamento público.

PATRONO DA FALO

R\$50,00/mês

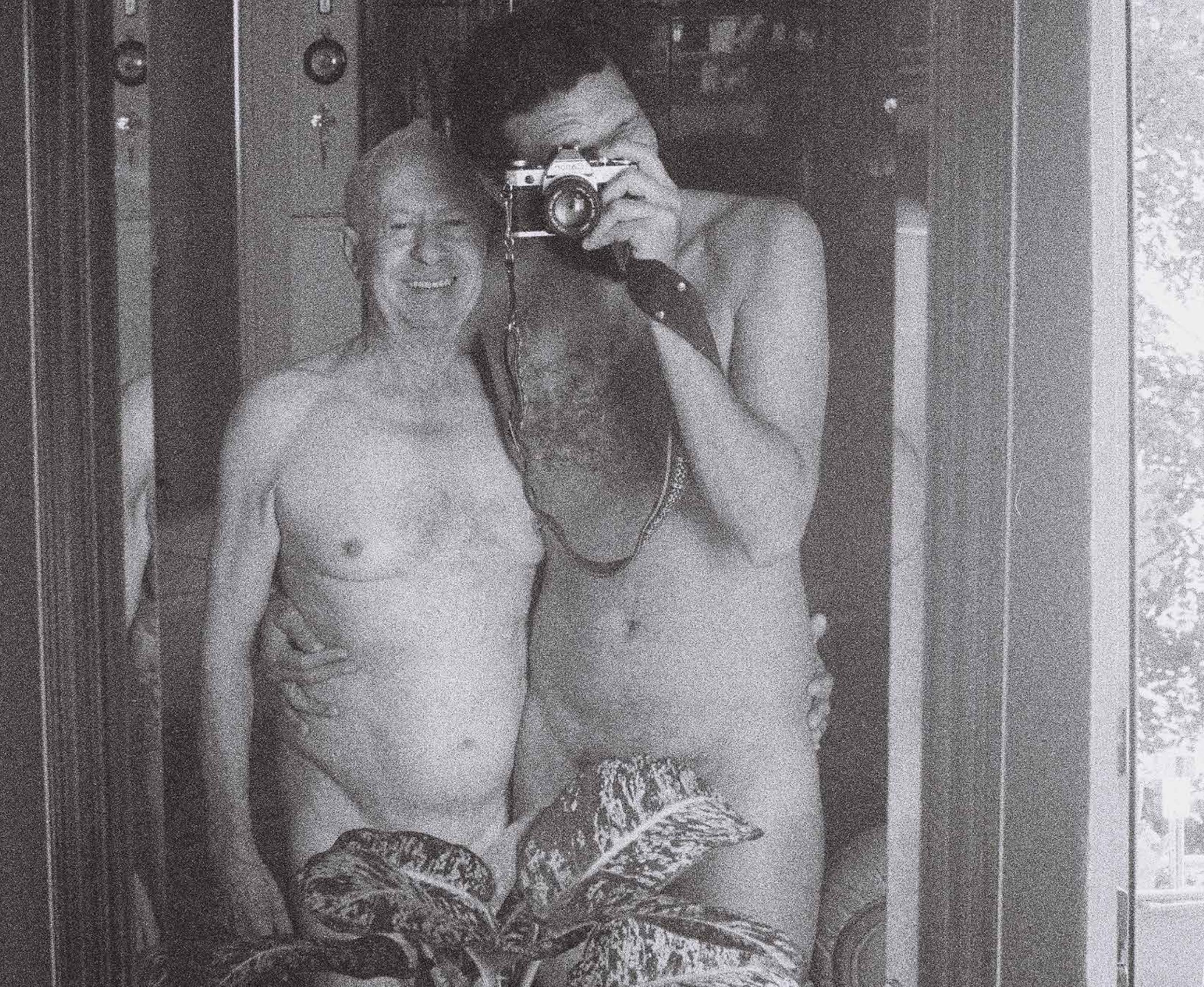
Além do nome na revista e de recebê-la antes do lançamento público, conhecerá o conteúdo da edição antes de todos.



Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Carlos Torres, Daniel Caye, DUOCU, Heráclito Vilaça, Júlio Lima, Marcelo Augusto e Orlando Amorim.

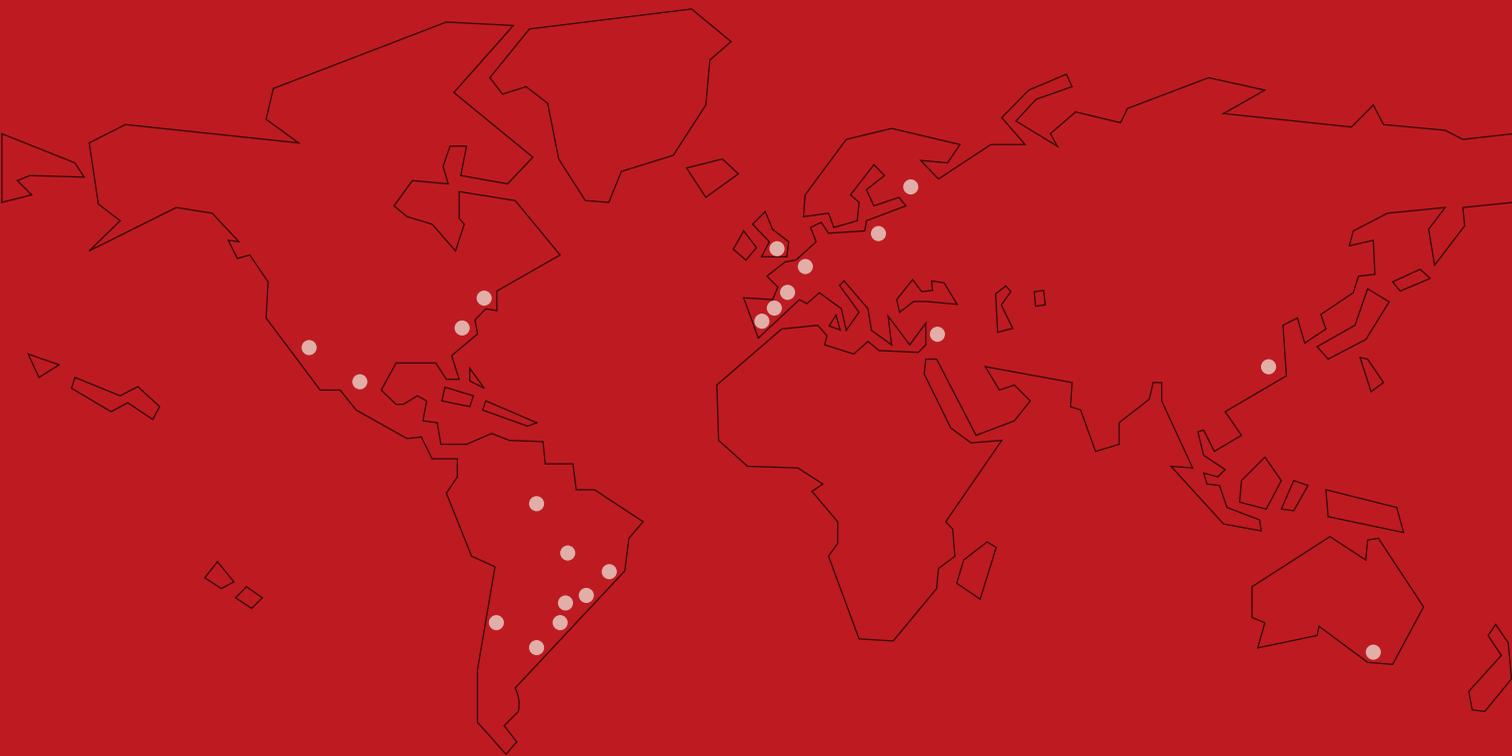
Modelo: Dinei. Foto: Autorretrato.



A sociedade em geral – e a comunidade LGBTQ+ em particular – retrata o envelhecimento de uma forma estereotipada, muitas vezes negando às pessoas mais velhas sua sexualidade e tornando-as invisíveis. O reconhecimento do sexo e do afeto assume um papel principal neste contexto. Desejo, prazer, paixão e todas as forças que vêm da pulsão sexual e são fundamentais quando se pensa em um modo de vida alternativo para os “novos” velhos queer. Esses homens estão de alguma forma criando novas possibilidades de viver e reinventando o conceito de envelhecimento.

Em novembro próximo, Rafael fará parte da Exposição *Intimacy: Queer Art from Berlin and Beyond* no Schwules Museum (Museu das Bixas, em livre tradução [sic]).





FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

